



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

EVANDO MARCOS DOS SANTOS

MONOTONGAÇÃO E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL MENOR

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ITABAIANA (SE)

MAIO/2016

EVANDO MARCOS DOS SANTOS

MONOTONGAÇÃO E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL MENOR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras do Campus Prof. Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe, como requisito final para obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Profa. Dra. Mariléia Silva dos Reis

ITABAIANA/SE

MAIO/2016

EVANDO MARCOS DOS SANTOS

MONOTONGAÇÃO E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL MENOR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras do Campus Prof. Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe, como requisito final para obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mariléia Silva dos Reis
Orientadora

Profa. Me. Roseane Santana Santos
Membro externo

RESUMO

O presente estudo confronta, com base na Fonologia de uso e na teoria da variação e mudança linguística, as variáveis linguísticas - classe de palavras, tonicidade da sílaba, contexto fonológico anterior e posterior - e extralinguísticas - localidade geográfica, faixa etária, escolaridade e sexo - condicionantes da representação do processo de monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow], na produção textual escrita de crianças que residem em Itabaiana/SE e que estudam a primeira etapa do Ensino Fundamental em escolas públicas rurbanas e urbanas, a fim de verificar se os alunos residentes em bairros rurbanos são, nesta etapa escolar, mais suscetíveis ao uso da escrita monotongada. Trata-se da escrita de palavras com representação muito próxima das falas destas crianças, como em [bejjo ~bejo] e [rowpa ~ropa], por exemplo. A monotongação, na modalidade oral da língua, refere-se à redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa. Em relação aos resultados, os dados foram coletados no segundo semestre de 2015 por meio de produções escritas (ditado mudo e lacunado) obtidas de alunos do terceiro ao quinto ano, foram coletados em quatro escolas públicas, sendo duas rurbanas e duas urbanas. Este cotejamento pretende auxiliar o professor no desenvolvimento de metodologias de ensino do sistema ortográfico do português brasileiro que levem em consideração o local de origem da criança. Os resultados evidenciam que o nível de escolarização favorece o refreamento da representação da monotongação tanto na zona rurba na quanto na urbana (centro): quanto maior o grau de escolaridade do alfabetizando, menor será a ocorrência da escrita monotongada.

Palavras-chave: Monotongação na escrita; Frequência de uso; Variação Linguística; Ensino de língua.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. APRESENTAÇÃO	1
1.2. OBJETIVOS	3
1.2.1. Objetivo geral	4
1.2.2. Objetivos específicos	4
1.3. JUSTIFICATIVA	4
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
2.1. A FONOLOGIA DE USO E A TEORIA DOS EXEMPLARES	7
2.2. A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	11
3. DESCRIÇÃO DO FENÔMENO EM ESTUDO	14
3.1. DITONGO: UMA ABORDAGEM FONÉTICA E FONOLÓGICA	14
3.2. O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	17
4. METODOLOGIA	20
4.1. PERFIL DOS SUJEITOS-INFORMANTES	20
4.2. A COLETA	20
4.3. CONSTITUIÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	21
4.3.1. Cômputo dos dados	21
4.3.2. Variáveis controladas nos <i>corpora</i>	22
4.3.2.1. Variável dependente	22
4.3.2.2. Variáveis independentes controladas	23
4.3.3. Discriminação das variáveis independentes de natureza linguística	24
4.3.3.1. Frequência de ocorrência de determinado item lexical	24
4.3.3.2. Frequência de ocorrência de determinado padrão estrutural	24
4.3.3.2.1. Variável independente “classe de palavras”	25
4.3.3.2.2. Variável independente “tonicidade da sílaba”	25

4.3.3.2.3.	<i>Variável independente “contexto fonológico anterior”</i>	25
4.3.3.2.4.	<i>Variável independente “contexto fonológico posterior”</i>	26
4.3.4.	Descrição das variáveis independentes extralinguísticas	26
4.3.4.1.	Variável independente “localidade geográfica”	26
4.3.4.2.	Variável independente “faixa etária”	27
4.3.4.3.	Variável independente “sexo”	27
4.3.4.4.	Variável independente “escolaridade”	27
5.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
5.1.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS AMOSTRAS DO DITONGO ORAL DECRESCENTE /ay/	29
5.1.1.	Variáveis independentes de natureza linguística (padrões estruturais)	30
5.1.1.1.	Variável “Tonicidade da sílaba”	30
5.1.2.	Variáveis independentes de natureza extralinguística (sociais)	31
5.1.2.1.	Variável “Sexo”	31
5.1.2.2.	Variável “Escolaridade/idade”	33
5.2.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS AMOSTRAS DO DITONGO ORAL DECRESCENTE /ey/	35
5.2.1.	Variáveis independentes de natureza linguística (padrões estruturais)	35
5.2.1.1.	Variável “Contexto Posterior”	35
5.2.2.	Variáveis independentes de natureza extralinguística (sociais)	37
5.2.2.1.	Variável “Sexo”	37
5.2.2.2.	Variável “Escolaridade/Idade”	39
5.3.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS AMOSTRAS DO DITONGO ORAL DECRESCENTE /ow/	41
5.3.1.	Variáveis independentes de natureza linguística (padrões estruturais)	41
5.3.1.1.	Variável “Tonicidade da sílaba”	41
5.3.2.	Variáveis independentes de natureza extralinguística (sociais)	42

5.3.2.1.	Variável “Sexo”.....	42
5.3.2.2.	Variável “Escolaridade/Idade”	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		48
APÊNDICES		51
APÊNDICE A – Página 1 da atividade como instrumento de coleta de dados.....		52
APÊNDICE B – Página 2 da atividade como instrumento de coleta de dados.....		53
APÊNDICE C – Página 3 da atividade como instrumento de coleta de dados.....		54
APÊNDICE D – Atividade realizada no 3º ano do Ensino Fundamental		55
APÊNDICE E – Atividade realizada no 4º ano do Ensino Fundamental		56
APÊNDICE F – Atividade realizada no 5º ano do Ensino Fundamental.....		57

MONOTONGAÇÃO E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL MENOR

1. INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO

Não é muito raro presenciar traços da oralidade em produções textuais escritas de alunos que cursam a primeira etapa do Ensino Fundamental (parte da alfabetização e fase transição para o nível fundamental maior) e, uma vez que para muitos deles a Língua Portuguesa exerce uma função biunívoca, isto é, a forma que o som é emitido através da fala será a mesma transmitida para a escrita, no entanto, é sabido que não é assim que funciona a norma-padrão escrita. Muitos fenômenos fonológicos da Língua Portuguesa acabam influenciando o período de ensino-aprendizagem dos alunos, pela frequência em que aparecem, mas há explicações e motivações para cada processo fonológico. Dentre esses fenômenos podemos citar o rotacismo, que se refere a substituição do “l” pelo “r” (planta ~ pranta; problema ~ probrema) e a palatalização das consoantes “d” e “t” como em (cuidado ~ cudadado; moita; mota), ambos os fenômenos são estigmatizados pela sociedade, porém o nosso objeto de estudo será a monotongação.

De acordo com estudos sociolinguísticos, a monotongação consiste na supressão de uma semivogal em um determinado encontro vocálico, assim, sendo reduzida a apenas uma vogal. O referido processo fonológico não é estigmatizado, visto que é presente na fala, independentemente de idade e escolaridade, sobretudo quando não há um monitoramento estilístico, no entanto, assim como outros processos, ele é recorrente na escrita dos alunos de séries iniciais. Sabendo que a língua não é algo estável, e que por isso sofrem mudanças lentas e também graduais, acreditamos que o supracitado fenômeno estar apresentando uma mudança em progresso.

Nas séries iniciais, o professor tem um papel bastante relevante, pois os alunos começam a ter um maior contato com textos e com as próprias produções textuais, assim, cabe ao docente agir como mediador, entendendo que existem motivações linguísticas e extralinguísticas que contribuem para a incidência de inadequações na escrita dos discentes, como atenta Souza e Serafim:

É imprescindível levar em conta o papel do conhecimento enciclopédico, ou conhecimento de mundo, da criança, uma vez que, em se tratando de leitores nocivos, com pouca experiência na cultura letrada, esse tipo de conhecimento pode estar muito aquém das exigências que a compreensão do texto impõe. É justamente nessas circunstâncias que a mediação do professor pode ser decisiva. (SOUZA; SERAFIM, 2012, p.19)

Nesse sentido, o professor passa a ser um facilitador do conhecimento, sendo extremamente fundamental para que o aluno perceba, paulatinamente, e através de exercícios práticos e direcionados às distinções e às variações presentes na própria língua materna, e comece, sempre que for exigido, a dissociar marcas presentes na oralidade que não podem ser aplicadas na escrita, como reforça Mollica:

[...] ao considerar como pré-existente a competência linguística do aprendiz, no período de alfabetização, sempre que possível, os exercícios devem partir da fala para a escrita. A identificação auditiva das palavras deve consistir no principal procedimento sugerido nos exercícios para comprovar a influência da fala na escrita. O aluno tem mais facilidade de escrever ao fazer treino oral e da escrita, além de observar com que letras determinadas sons são representados na escrita (MOLLICA, 1998, p.96).

Neste estudo, iremos confrontar os dados coletados em quatro escolas públicas do município de Itabaiana/SE, sendo duas em zona rural e outras duas em zona urbana, controlando as variáveis linguísticas e extralinguísticas, para que, por conseguinte, sejam descritos os fatores que condicionam a representação/cancelamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos orais decrescentes /ay/, /ey/ e /ow/ na escrita.

De acordo Travaglia (2013), apresentar e orientar os alunos em relação à presença de variedades linguísticas nos mais variados textos escritos é fundamental, pois nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental é de suma importância que o discente trabalhe sempre visando traços da oralidade que influenciam a escrita, mostrando de forma concreta e objetiva as diferenças existentes entre essas modalidades para que os alunos compreendam que o código escrito não é uma mera transcrição da fala e que, na língua oral, às vezes, há cortes, redução de som ou sons que precisam ser representados na língua escrita, ainda que não sejam ditos, como a redução do ditongo /ey/ à vogal /e/ (peixe/peixe – feijão/feijão etc) e do ditongo /ow/ à vogal /o/ (falô/falou – comprô/comprou – toro/touro – coro/couro, entre outros.).

O domínio da modalidade escrita associada à competência da oralidade representa, geralmente, inserção e ascensão social. Entretanto, para que se alcance as mencionadas capacidades, há toda uma série de fatores que são determinantes nesse caminho como, por exemplo, a localização geográfica e o âmbito familiar em que os alunos estão inseridos no momento em que adentram à escola. A influência da localidade geográfica pode ser melhor esclarecida através do denominado contínuo de urbanização de Bortoni-Ricardo:

[...] enquanto falares rurais ficavam muito isolados pelas dificuldades geográficas de acesso, como rios e montanhas, e pela falta de meios de comunicação, as comunidades urbanas sofriam influência de agências padronizadoras da língua, como a imprensa, as obras literárias e, principalmente, a escola (BORTONIRICARDO, 2004, p. 51-52).

Os alunos quando chegam à escola levam consigo seu próprio conhecimento prévio que foi assimilado, principalmente, no seio familiar, ou seja, não apenas os costumes, como também as variantes e a própria gramática internalizada como falante da língua materna. Entretanto, cada localidade possui meios que abrem um leque ou não de possibilidades que permitam um maior contato e, conseqüentemente, uma maior desenvoltura no que tange ao código escrito. Alunos que residem e estudam em localidades urbanas têm acesso a meios de comunicação de massa como a internet, livros, revistas, jornais, bibliotecas, entre outros. Em contrapartida, geralmente, os alunos que residem em zonas rurais e rurbanas (migrantes oriundos de zona rural) não possuem muito contato com meios de comunicação que favorecem o uso da modalidade escrita da língua, uma vez que nas supracitadas localidades são mais comuns práticas de letramento por meio da oralidade. Dessa forma, entendemos que os discentes que residem e estudam nas zonas urbanas, por terem maior contato com variantes de prestígio social, tendem a transmitir para as produções textuais escritas com poucas marcas da oralidade. No entanto, os alunos de zona rural e rurbana, tendem a produzir textos escritos com mais expressões da oralidade (marcas regionais), principalmente, nas séries iniciais.

Tendo em vista a proposta de analisar e conjecturar os resultados com base no referencial teórico, e conseqüentemente, o cotejamento das variáveis que exercem a influência do processo de monotongação da fala para à escrita de alunos que cursam os três anos de escolaridade (3º, 4º e 5º), assim, o vigente trabalho está dividido em sete partes. Além desta introdução, têm-se as Seções 2 e 3 as quais se referem à revisão bibliográfica. A Seção 4 refere-se à metodologia que foi aplicada no supracitado estudo. A Seção 5, por sua vez, refere-se aos resultados e discussões que foram obtidos por meio do confronto dos dados coletados em escolas públicas das zonas rurbanas e urbanas, analisando as variáveis de natureza linguística e extralinguística, principal objetivo deste trabalho. Por conseguinte, a última Seção diz respeito às considerações finais.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo geral

O presente estudo confronta, com base na Fonologia de uso e na teoria da variação e mudança linguística, as variáveis linguísticas - classe de palavras, tonicidade da sílaba, contexto fonológico anterior e posterior - e extralinguísticas - localidade geográfica, faixa etária, escolaridade e sexo - condicionantes da representação do processo de monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow], na produção textual escrita de crianças itabaianenses que cursam a primeira etapa do Ensino Fundamental em escolas públicas rurbanas e urbanas, a fim de verificar se os alunos residentes em bairros rurbanos são, nessa fase, mais sensíveis ao uso da escrita monotongada. Para isso, iremos confrontar os resultados alcançados através dos dados que foram coletados durante o segundo semestre de 2015 em escolas públicas localizadas em zonas rurbanas e urbanas, respectivamente.

1.2.2. Objetivos específicos

Este estudo objetiva especificamente:

- i. identificar as variáveis linguísticas – classes de palavras, tonicidade da sílaba, contexto fonológico anterior e posterior – que favorecem e /ou influenciam a representação do processo de monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow], em estudo em cada localidade geográfica;
- ii. verificar as variáveis extralinguísticas – localidade geográfica, faixa etária, escolaridade e sexo – condicionantes do referido processo em cada localidade, bem como se os alunos residentes na zona rurbana são mais tendentes ao uso da escrita monotongada do que os residentes na zona urbana, levando em consideração a frequência relativa da monotongação nos três anos de escolaridade (3º, 4º e 5º), nas três faixas etárias (8; 9; 10 - 12) e nos sexos (masculino e feminino) controlados em cada corpus.
- iii. instrumentalizar, através deste material, educadores que lecionam nas séries iniciais afim de possibilitar uma melhor compreensão, sobretudo durante o processo de textos escritos por crianças, momento comum para o surgimento de palavras monotongadas com frequência.

1.3. JUSTIFICATIVA

A escolha pelo referido trabalho está atrelada a algumas indagações e inquietações que surgiram durante os anos de graduação bem como aos anos de pesquisas de iniciação científica, as quais foram desenvolvidas em algumas escolas públicas rurbanas do município de Itabaiana/SE, especificamente, nos três últimos anos da primeira etapa do ensino fundamental. Faz-se necessário salientar que é nessa fase escolar que as crianças veem a língua portuguesa como biunívoca, isto é, a forma como elas falam é mesma que a escrevem. Assim, será através desse estudo, que verificaremos se a progressão escolar dos alunos reduzirá a representação do processo de monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow] na produção textual escrita.

A opção pelas localidades geográficas em estudo e pela faixa etária dos estudantes (informantes) está relacionada ao momento em que os alunos começam a ter um maior contato com os mais variados tipos de textos, fator esse que contribui diretamente para o ‘choque’ entre oralidade e escrita. No tocante ao nosso objeto de estudo, monotongação dos ditongos decrescentes orais [ay, ey, ow], espera-se que os alunos que residem em bairros rurbanos sejam mais sensíveis à escrita monotongada do que os alunos residentes nos centros urbanos de Itabaiana/SE, visto que as comunidades rurbanas são constituídas por:

[...] migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (BORTONIRICARDO, 2004, p. 52).

Embora tenhamos convicção de que a monotongação dos já supracitados ditongos seja um fenômeno não estigmatizado e por isso muito recorrente em todo território nacional, neste trabalho, delimitaremos quais os fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais) condicionam a recorrência do apagamento das semivogais /y/ e /w/.

A preferência por realizar esse estudo nessa fase inicial da aprendizagem, ainda que os ditongos sejam monotongados na fala, conserva-se na escrita dessas crianças até alcançarem um maior grau de amadurecimento com a grafia, mas até esse amadurecimento ser aprimorado haverá uma mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples (CÂMARA Jr, 1979, p. 170). Desse modo, obtém-se à supressão do glide nos ditongos [aj], [ej] e [ow], reduzindo-os, respectivamente, às vogais simples [a], [e] e [o] (HORA, 2007, p.2).

Entendemos, desse modo, que a representação da monotongação na escrita desses alunos, na medida em que haja o avanço da idade e da escolarização, diminua gradativamente. Assim, possibilitando distinguir as diferenças entre a fala e a escrita, fato esse que contribui para a diminuição da supressão das palavras com os ditongos decrescentes orais e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de outras competências, principalmente em relação às produções textuais escritas desses alfabetizandos que ainda cursam o primeiro ciclo do ensino fundamental.

O confronto dos dados coletados justifica-se pelos trabalhos de pesquisas que foram desenvolvidos nas duas etapas do projeto “Ensino de leitura em Itabaiana/SE: por uma pedagogia da variação linguística”¹, principalmente, pelos estudos que abordam o fenômeno da monotongação em zonas distintas, o que nos levou a fazer este cotejamento com dados novos em relação aos dados que foram coletados na supracitada pesquisa.

Portanto, esperamos que os resultados obtidos neste trabalho, corroborem como material de pesquisa e apoio para auxiliar os professores, principalmente àqueles que trabalham com o ensino fundamental menor, para que possam melhor compreender o desenvolvimento das competências dos alunos durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Entretanto, isso só será possível quando o professor da educação básica começar a refletir e pôr em prática um ensino de língua portuguesa que vise uma pedagogia da variação linguística, compreendendo, dessa forma, que existem fatores linguísticos e extralinguísticos que tendem a condicionar a representação do fenômeno da monotongação na produção escrita de crianças que estudam e residem nas zonas urbanas e rurbanas no município de Itabaiana/SE, respectivamente.

¹ Este estudo, que consiste em uma proposta de iniciação científica, foi constituído de duas etapas. Na primeira fase, descreveu-se o modo como vem se manifestando a monotongação na fala de crianças itabaianenses. No segundo momento, observou-se tal fenômeno na produção escrita dos referidos sujeitos. Ambas propostas de iniciação científica foram coordenadas pela Prof.^a Dr.^a Mariléia Silva dos Reis, com três planos de trabalhos de alunos de graduação: um voltado para uma escola de zona urbana, com José Humberto dos Santos Santana; escola de zona rural, Kamilla Silva Dida; e escola de zona periférica (rurbana), Evando Marcos dos Santos. Por conseguinte, os *corpora* dessa proposta são constituídos de dados coletados em áreas geográficas distintas.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Como pressupostos teórico-metodológicos adotamos a Fonologia de Uso, postulada por Bybee (2003) e seu modelo representacional, a Teoria dos Exemplos, que constituem o foco teórico principal deste estudo; e a Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Labov (2008 [1972]), que procura descrever o mecanismo (estágios) pelo qual se processa a mudança sonora e os fatores extralinguísticos condicionantes de fenômenos linguísticos em variação por meio de resultados quantitativos obtidos estatisticamente.

2.1. A FONOLOGIA DE USO E A TEORIA DOS EXEMPLARES

O fenômeno da monotongação constitui um objeto largamente estudado em diversas regiões do país. A maioria desses estudos concentra-se somente em modelos de fonologia tradicional e na teoria da variação e mudança linguística proposta por Labov (2008 [1972]). Desse modo, tais estudos concentram-se apenas no aspecto social da variação e da mudança linguística, buscando correlatos entre o fenômeno linguístico e as peculiaridades sociais da comunidade de fala investigada. Como lacuna, não consideram as operações mentais envolvidas no armazenamento e no acesso às palavras no léxico mental dos falantes (HAUPT, 2011). Tentando preencher essa lacuna, objetivamos desenvolver um trabalho não só pautado nas teorias supracitadas, mas também baseado na Fonologia de Uso postulada por Bybee (2003) e em seu modelo representacional, a Teoria dos Exemplos.

A opção por essa teoria deu-se pelo fato de acreditarmos que os fenômenos fonéticos não consistem somente em simples variações que podem ser explicadas por meio de variáveis linguísticas e extralinguísticas, mas também em partes inerentes ao léxico e à constituição dos sistemas fonológicos. Adotamos, portanto, uma visão de inter-relação, em que a fonologia de uma língua envolve a distribuição probabilística de variáveis, resultantes dos efeitos de frequência dos itens lexicais armazenados na memória de longo prazo, com todos os seus detalhes fonéticos (HAUPT, 2011). Desse modo, o léxico deixa de ser considerado separadamente da gramática fonológica e a palavra passa a ser o *locus* da categorização (SILVA, 2004, p. 102).

O modelo da Fonologia de Uso deriva de uma abordagem que visa abarcar todos os subsistemas (fonologia, sintaxe, semântica) em uma teoria da linguagem (HAUPT,

2011, p. 172). Nessa teoria de linguagem, estudar somente as estruturas não é o suficiente, pois:

[...] o foco na estrutura precisa ser complementado com uma perspectiva que inclui mais do que apenas a estrutura, uma visão que inclui dois outros aspectos importantes do fenômeno da linguagem – o conteúdo material ou substância da linguagem e uso da língua (BYBEE, 2003, p. 2, tradução nossa).²

Bybee (2003, p.2) considera a língua um fenômeno complexo que só pode ser entendido, considerando-se a interação de seus componentes com o uso. Dessa maneira, ela afirma que sua teoria, ao contrário das anteriores, apreende não somente a estrutura da língua, mas todas as suas interações e usos sociais. Para a autora o modo como a língua é usada afeta o modo como ela é representada e estruturada. A experiência linguística é fator crucial na organização linguística. Desse modo, a experiência organiza o componente fonológico que é muito ligado ao léxico. O léxico, por sua vez, é maximizado na medida em que apresenta não somente fonemas, mas também alofones. Uma consequência disso é que as representações lexicais serão múltiplas.

O conteúdo material ou a substância da língua se refere à fonética e à semântica. O uso da língua, por sua vez, inclui todo o processamento, assim como as interações sociais. Dessa forma, a frequência com que uma determinada palavra ou estrutura é usada pode ter impacto na sua estrutura fonológica, isto é, a experiência afeta a representação, de modo que a força lexical de uma palavra pode mudar à medida que é mais ou menos usada em diferentes contextos. As representações mentais dos objetos linguísticos, por sua vez, têm as mesmas propriedades das representações mentais de outros objetos e são categorizadas da mesma forma. Essa categorização é baseada em similaridades em diferentes níveis (HAUPT, 2011, p. 172).

Nessa perspectiva, a palavra é a unidade de estocagem e a estrutura de uma palavra emerge de conexões que ela mantém com outras palavras do léxico e com outros níveis de organização (semântico, fonético, morfológico, etc.). Tais conexões são manifestadas em esquemas: conjunto de palavras que possuem padrões similares de

² [...] the focus on structure needs to be supplemented with a perspective that includes more than just structure, a view that includes two other important aspects of the language phenomenon – the material content or substance of language, and language use (BYBEE, 2003, p. 2)

conexões semânticas e fonológicas das quais emergem generalizações. As regularidades linguísticas são expressas por meio desses esquemas emergentes. Essas regularidades e similaridades entre os itens são usadas para estruturar a estocagem (FONTES MARTINS, 2003, p. 4).

Sendo assim, considerando os princípios apresentados por Bybee (2003), assumimos que o uso real das unidades linguísticas interage com a substância, ou seja, com a forma e o sentido, agindo sobre a estruturação mental da língua. Desse modo, o uso dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow] originará mudança na representação mental das palavras em que ocorre.

Outro aspecto que difere a Fonologia de uso das teorias fonológicas anteriores é a consideração do fator frequência, que só pode ser avaliado em uma teoria que leve em consideração o uso (BYBEE, 2003, p. 10). No que tange à Fonologia de uso e às variações e mudanças sonoras, a autora define duas categorias de frequência: a frequência de ocorrência (*token frequency*) e a frequência tipo (*type frequency*). A primeira, o maior determinante de produtividade, refere-se à ocorrência de determinado item lexical (geralmente uma palavra) em um corpus, enquanto a última está associada à produtividade de determinado padrão (um padrão de acento, um afixo, uma desinência ou um som, por exemplo) no léxico. A frequência de ocorrência promove o fortalecimento e a conservação de formas irregulares e idiomáticas, bem como as mudanças fonéticas e semânticas, atingindo primeiramente palavras muito frequentes, quando foneticamente motivadas, e as menos frequentes, quando tiverem motivações não fisiológicas (PHILLIPS, 2000). Segundo Phillips (ibid.), as mudanças foneticamente motivadas, ou seja, aquelas que têm base na fisiologia da fala, atingem, em primeiro lugar, as palavras mais frequentes. Dentre esses fenômenos, destacam-se os casos de redução, apagamento e assimilação (HAUPT, 2011, p. 173).

A monotongação, nosso objeto de estudo, trata-se da redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa. No português do Brasil, o apagamento da semivogal /y/ dos ditongos /ay/ e /ey/ é considerado um processo estável, visto que está sujeito a restrições estruturais fortes, isto é, a condicionamentos fonológicos precisos (MOLLICA, 1998, p. 59). A supressão da semivogal /w/ do ditongo /ow/, entretanto, já é considerada uma mudança implementada no português brasileiro (CRISTOFOLINI, 2011, p. 206).

A frequência tipo, por sua vez, assegura que uma determinada construção seja usada frequentemente, fortificando seu esquema representacional e tornando-a mais acessível para o uso em novos itens. No que se refere ao fenômeno da monotongação, realizamos um levantamento dos padrões relativos aos fatores estruturais citados nos estudos variacionistas – tonicidade, posição da sílaba em que se encontra os ditongos decrescentes orais, contextos fonológicos seguinte e anterior aos ditongos decrescentes orais – que poderá auxiliar-nos no entendimento da representação do referido fenômeno na modalidade escrita da língua.

Bybee (2003) apresenta outro efeito da frequência. Segundo ela, os itens frequentes, paradoxalmente, desencadeiam mudanças de forma e significado, e, ao mesmo tempo, preservam formas em nível morfossintático. Isso ocorre porque os efeitos de processamento resultam na automatização da fala *versus* os efeitos de armazenamento. Desse modo, estruturas morfológicas de palavras e propriedades sintáticas de construções, quando muito frequentes, fortalecem-se e são preservadas. Algumas formas irregulares de verbos muito frequentes, como o verbo *ser*, são bons exemplos de fortalecimento e preservação.

Essa teoria é inovadora ao passo que expande as concepções tradicionais sobre o modo como o léxico se estrutura. Primeiro, porque assume que a palavra é a unidade de estocagem. Segundo, porque, ao atribuir à frequência, seja *tipo* ou *de ocorrência*, um papel fundamental na formação do léxico, aponta para o uso como definidor desse léxico (FONTES MARTINS, 2003, p. 4).

Como modelo representacional para a Fonologia de Uso, adotamos a Teoria dos Exemplares postulada por Pierrehumbert (2000). De acordo com esse modelo, todas as amostras são armazenadas e categorizadas, criando, desse modo, categorias que representam as variações encontradas no uso e no processamento da língua. As palavras são armazenadas em redes que mapeiam relações de similaridade em todos os níveis e as palavras com mais similaridades são armazenadas em nuvens. Os exemplares mais frequentes, que constituem o protótipo para a categoria, tornam-se mais fortes, enquanto os menos frequentes enfraquecem e, gradativamente, deixam de ser usados (HAUPT, 2011, p. 176).

2.2. A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A teoria da variação e mudança linguística trata da estrutura e evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala: espaço onde se dá a interação entre língua e sociedade. Este ambiente não consiste em um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; trata-se de um grupo que compartilha um conjunto comum de padrões normativos a respeito da língua (LABOV, 2008 [1972], p. 188).

A mudança linguística não pode ser desvinculada dos fatos sociais porque são os seres humanos, que vivem em sociedades complexas, hierarquizadas, heterogêneas, instáveis e sujeitas a conflitos e transformações, que mudam a língua (LABOV, *ibid.*). São os falantes que, imperceptivelmente, inconscientemente, alteram as regras de funcionamento da língua, tornando-a mais adequada às exigências de processamento mental, de comunicação e interação social. Nesse sentido, é impossível estudar a língua sem estudar, simultaneamente, a sociedade em que essa língua está inserida. Tendo em vista que língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma construindo a outra, o objetivo dessa teoria é relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social.

Bagno (2007), adepto dos padrões sociolinguísticos labovianos, defende que a mudança linguística ocorre porque a língua é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído, uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os falantes, por meio da fala ou da escrita. Sendo assim, “a mudança linguística constitui um fato inevitável” (CRYSTAL, 1987, p. 5).³

A explicação da mudança linguística envolve três problemas distintos: *transição* (a origem das variações linguísticas); *encaixamento* (a difusão e propagação das mudanças linguísticas); e *avaliação* (correlatos subjetivos das várias camadas sociais). *O problema da transição* consiste em encontrar o caminho pelo qual um estágio de uma mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior. Para solucioná-lo traça-se o maior número de estágios intermediários, de modo a conservar apenas uma das principais alternativas. A distribuição contínua das mudanças linguísticas através das idades sucessivas (*o tempo aparente*) da população tem contribuído para solucioná-lo.

³ “The linguistic change is an inevitable fact” (CRYSTAL, 1987, p. 5).

O problema do encaixamento é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que ocorre a mudança linguística. Labov (ibid.) o considera sob duas perspectivas: a) *encaixamento na estrutura linguística*, que indica que a mudança se define pela estrita co-ocorrência de variantes que são, funcionalmente, diferenciadas e acessíveis à comunidade; e b) *encaixamento na estrutura social*, que indica que a estrutura em mudança está encaixada no contexto social maior da comunidade de fala, destacando-se o fato de que possa haver, nos primeiros e nos últimos estágios, pouca correlação com os fatores sociais. Para resolvê-lo é necessário descobrir as correlações entre elementos linguísticos e entre esses elementos e os do sistema não linguístico de comportamento social. Essas correlações, segundo Labov (ibid., 193), “estabelecem-se por provas sólidas de variação concomitante, ou seja, mostrando-se que uma pequena mudança na variável independente é regularmente acompanhada por uma mudança da variável linguística numa direção previsível”.

O problema da avaliação, por seu turno, consiste em encontrar os correlatos subjetivos (latentes) das mudanças objetivas (manifestas) que foram observadas. Para encontra-los, mede-se “as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística” (LABOV, ibid., p. 193).

As variações linguísticas podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. Variação linguística é a alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, ou seja, são duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 1986; GUY; ZILLES, 2007). A maioria dessas variações ocorre somente uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. Algumas, entretanto, são recorrentes e podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de novas formas entrarem em contraste com formas mais antigas em um amplo espectro de usos. Quando uma ou outra forma triunfa, alcança-se, por conseguinte, a regularidade da mudança linguística (LABOV, ibid., p. 19-20).

Motivada por um conjunto complexo de parâmetros, por condicionamentos ou variáveis que favorecem ou inibem o emprego de variantes (LABOV, ibid.), a variação linguística ocorre, de modo estruturado, em todos os níveis da língua: fonético-fonológico, morfofonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-

pragmático. Segundo essa teoria, os fatores que condicionam tais variações são de ordem interna (estrutural) e de ordem externa (social). Os internos são inerentes ao sistema linguístico, como, por exemplo, a tonicidade da sílaba, a classe de palavra e o contexto anterior ou posterior a um sintagma ou a um segmento (tipo de consoante ou vogal). Os fatores externos, por sua vez, podem ser diatópicos (linguagem rural, linguagem periférica e linguagem urbana), diastráticos (idade, escolaridade, classe social, profissão, posição social, sexo do falante), estilísticos (situações de maior ou menor grau de formalidade) e diamésicos (comparação entre a língua falada (mais redundante) e a língua escrita (mais planejada)).

Sendo assim, a teoria da variação linguística complementa a Fonologia de Uso proposta por Bybee (2003), pois, enquanto a segunda apreende todas as interações e usos sociais da língua, a primeira busca responder os problemas centrais da evolução linguística (o mecanismo, as causas provocadoras e as funções adaptativas da mudança) através do estudo detalhado da mudança linguística em andamento. Essa linha de investigação defende que “os mesmos mecanismos que operaram para produzir mudanças em larga escala no passado podem ser observados em ação nas mudanças que presentemente ocorrem à nossa volta” (LABOV, *ibid.*, p. 192).

3. DESCRIÇÃO DO FENÔMENO EM ESTUDO

3.1. DITONGO: UMA ABORDAGEM FONÉTICA E FONOLÓGICA

Embora este trabalho seja embasado na Fonologia de Uso (BYBEE, 2003), nesta seção realizaremos, por meio de uma perspectiva fonético-fonológica, uma breve apresentação dos processos de monotongação, com o propósito de conceituarmos e observarmos como e por que ocorre o referido fenômeno na modalidade oral da língua.

O ditongo é um elemento linguístico cuja existência, na língua portuguesa, é registrada desde o latim até a contemporaneidade. O latim clássico possuía quatro ditongos /ae/, /oe/, /aw/ e /ew/. Esses ditongos latinos seguiram dois caminhos diferentes na passagem para o português: ou se ampliaram em novos ditongos ou se monotongaram (ARAGÃO, 2000, p. 1). De acordo com Bagno (2012, p. 82-83), o ditongo /ow/ é resultado de uma transformação histórica do ditongo latino /aw/ provocada pelo processo de assimilação.

Ditongos, do ponto de vista fonético, são vogais que mudam de qualidade durante sua produção: a articulação parte de um ponto dentro da área vocálica que caracteriza o primeiro alvo e se dirige a outro que caracteriza o segundo alvo. Nesse movimento, a vogal vai assumindo a qualidade vocálica dos lugares por onde passa (PEREIRA, 2004, p. 19). Isso é detectado por aparelhos especiais. O ouvido humano ouve de forma saliente apenas as qualidades vocálicas do início e do final desse movimento. Por conseguinte, os ditongos são representados na transcrição fonética por dígrafos [ay], [ey] e [ow], símbolos dos valores mais salientes da percepção dessas articulações.

Segundo Pereira (ibid., p. 19), a língua portuguesa forma ditongos partindo de uma articulação alta ou ligando uma articulação baixa, média-baixa ou média-alta a uma articulação alta: começam ou acabam com [y] ou [w]. De acordo com a autora, as semivogais são interpretações fonológicas e não fonéticas, por isso são representadas, fonologicamente, por /y/ ou /w/. Como o ditongo representa uma única vogal que muda de qualidade durante sua articulação, a noção de semivogal determina o valor que os elementos /i/ e /u/ assumem na estruturação silábica. O sistema ortográfico do Brasil, entretanto, estabeleceu como “regra” a interpretação do ditongo como uma vogal seguida ou antecédida pela semivogal *i* ou *u*.

Para Paiva (1996, p. 220), as semivogais são segmentos, simultaneamente, vocálicos e consonantais porque compartilham características intermediárias entre as vogais e as consoantes; sua produção articulatória envolve uma menor abertura da cavidade bucal; sua zona de articulação está entre a vogal mais fechada e a consoante mais aberta. Acusticamente, as semivogais apresentam uma concentração de energia espectral (diferente das consoantes), mas não apresentam estruturas de formantes tão bem definidas como para as vogais.

Do ponto de vista acústico, um ditongo é uma unidade com dois alvos vocálicos distinguíveis, entre os quais existe uma zona de transição bastante proeminente (HAUPT; SEARA, 2012, p. 267). Segundo Silva (2013, p. 94), o ditongo é uma sequência de segmento constituída por uma vogal e uma semivogal ou *glide* na mesma sílaba. De acordo com Clark, Yallop e Fletcher (2007, *apud* HAUPT; SEARA, *ibid.*, p. 265), ocorre um ditongo quando o *glide* é mais proeminente, a ponto de se identificar dois alvos vocálicos, isto é, duas regiões estáveis na articulação, indicando dois alvos acústicos distinguíveis. Esses dois alvos vocálicos, entretanto, funcionam como uma única unidade, isto é, como uma só vogal, em uma única sílaba. Isso diferencia um ditongo da sequência de duas vogais, pois essas se caracterizam por dois picos, em duas sílabas distintas. Nesse sentido, “a silabidade é fundamental para distinguir um ditongo de uma sequência de duas vogais” (HAUPT; SEARA, *ibid.*, p. 265).

De acordo com Aragão (op. cit., p. 1), a língua portuguesa possui, atualmente, em condições normais, 36 ditongos, sendo 15 decrescentes (sequência vogal-glide) e 21 crescentes (sequência glide-vogal):

Quadro 1 – Ditongos da língua portuguesa

Decrescentes		Crescentes	
Orais	Nasais	Orais	Nasais
ay, aw, ey, ɛy, ɛw, ew, iw, ɔy, oy, ow, uy	ãy, ãw, ãy, õy, ũy,	ya, yɛ, ye, yi, yɔ, yo, yu, wa, wɛ, we, wi, wɔ, wo, wu	yã, yẽ, yõ, wã, wẽ, wĩ, wõ

Fonte: ARAGÃO (2000, p. 1)

Essa classificação de ditongos em crescentes e decrescentes tem gerado muitas discussões. Certos estudiosos afirmam que, na língua portuguesa, não há ditongos crescentes, mas apenas decrescentes. Câmara Jr. (1979, p. 54), um dos defensores desse

ponto de vista, ressalta que os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes porque os crescentes variam livremente com o hiato, como em: /suas/.

Couto (1994, p. 130-131), em contrapartida, afirma que há casos em que a existência de ditongos crescentes que não estão em variação livre com hiatos é incontestável, como: *ideia, meia, boia* e *apoio*.

Bisol (1989) classifica os ditongos em: verdadeiros e falsos, estáveis e variáveis, pesados e leves, fonéticos e fonológicos, de acordo com a posição que ocupam no esqueleto CV. Dentro dessa perspectiva, há duas estruturas subjacentes para esses grupos segmentais: uma para o verdadeiro, estável, pesado ou fonológico – /'leite/, /'kauda/, representado subjacentemente por duas vogais; outra para o falso, variável, leve ou fonético – /'kafa/, /'pefe/, representado na subjacência somente por uma vogal. Desse modo, o verdadeiro ditongo é aquele que não sofre monotongação, cuja semivogal existe na forma subjacente, e o falso é aquele que varia com o monotongo, cuja semivogal está presente apenas no nível superficial. De acordo com essa proposta, enquanto o primeiro ditongo possui duas posições no *tier* da rima, constituindo uma sílaba complexa, o segundo constitui uma rima simples, sendo criado no *tier* melódico por processos assimilatórios.

Para defender esse posto de vista, a autora parte do pressuposto de que os verdadeiros ditongos formam pares mínimos com a vogal simples, como em /'pata/ e /'pauta/, enquanto os falsos apresentam apenas realizações diferentes de um mesmo grupo vocálico pronunciado na mesma sílaba, como: /'bejo/ e /'beyjo/.

Souza et al. (1998, *apud* HAUPT; SEARA, op. cit., p. 267), a partir da análise espectrográfica de vocábulos como “paz” e “pais”, constatou que há uma leve diferença entre o verdadeiro e o falso ditongo, embora seja praticamente impossível notá-la no nível da percepção. O ponto de diferenciação está relacionado com a duração relativa⁴ da semivogal: em ditongos verdadeiros, ela foi relativamente mais longa do que nos falsos.

⁴ Duração relativa significa a divisão da duração do segmento em análise com a sua sílaba ou palavra correspondente. Dessa forma, obtém-se um percentual de duração que pode ser comparado entre diferentes estudos (HAUPT; SEARA, 2012, p. 267).

3.2. O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Estudos sociolinguísticos evidenciam que, dentre os 11 ditongos orais decrescentes existentes no português brasileiro, somente [ay], [ey] e [ow] são passíveis de sofrerem apagamento das semivogais na fala (MENECHINI, 1983; CABREIRA, 1996; PAIVA, 1996; ARAÚJO, 2000). Esse fenômeno, que consiste em uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa, existe desde a passagem do latim clássico ao vulgar e mantêm-se nas línguas românicas. Como não sofre nenhuma avaliação que o estigmatize, nem representa um “erro”, pois não apresenta alteração no sentido da palavra, o apagamento das semivogais /y/ e /w/ é bastante produtivo no português brasileiro oral (HORA, 2007). Segundo Aragão (2000), trata-se de uma variante diastrática (social) e não diatópica (regional) porque pesquisas sociolinguísticas constataam a ocorrência desse fenômeno em todas as regiões brasileiras.

De acordo com Paiva (1996), Silva (2004), Hora (2007) e Seara (2008), monotongação refere-se ao apagamento da semivogal de um ditongo, reduzindo o encontro vocálico: vogal mais semivogal (ditongo decrescente), para somente uma vogal. Para Trask (1996, p. 226), é “qualquer processo fonológico no qual um ditongo é convertido em monotongo”. Segundo Hartmann e Stork (1976, p. 144), monotongo é “um som de vogal única sem alteração na qualidade do início ao fim da sua produção, em oposição ao ditongo” (tradução nossa)⁵. De acordo com Crystal (1980, p. 230), monotongo é o:

[...] termo usado na classificação fonética da vogal com base no seu modo de articulação: refere-se a uma vogal (a vogal pura) onde não há alteração detectável na qualidade durante uma sílaba [...] (CRYSTAL, 1980, p. 230, tradução nossa).⁶

Câmara Jr. (op. cit., p. 170) considera a monotongação um fenômeno puramente fonético porque o ditongo, embora seja monotongado na fala, permanece na grafia.

⁵ A single vowel sound with no change in quality from the beginning to end of its production, as opposed to diphthong (HARTMANN; STORK, op. cit., 144).

⁶ [...] term used in the PHONETIC classification of vowel based on their MANNER OF ARTICULATION: it refers to a vowel (A PURE VOWEL) where there is no detectable change in quality during a SYLLABLE... (CRYSTAL, op. cit., p. 230).

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação, chama-se, muitas vezes, monotongo à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido, o monotongo /ô/, em qualquer caso, e os monotongos /a/ e /ê/ diante de uma consoante chiante: (c)caixa, como acha, (d)deixa, como fecha.

De acordo com Collischonn (1999), somente os ditongos leves, que são formados ainda no nível lexical, podem sofrer monotongação. Esses ditongos são ligados a um único elemento V e ocupam apenas uma unidade de duração, ocorrendo a divisão melódica somente no nível da raiz.

Para Hora (2007), o processo de monotongação tem sua ocorrência condicionada, principalmente, pelo contexto fonológico seguinte, portanto os ditongos [ay] e [ey] monotongam mais frequentemente diante de fricativas alveolopalatais [ʃ], [ʒ] e tepe [r] (LOPES, 2002; PEREIRA, 2004; BAGNO, 2012). Na mesma direção, Bisol (1994) descreve que, nos contextos /ʃ, ʒ/, os ditongos [ay] e [ey] possuem apenas uma vogal na forma subjacente, portanto a presença ou a ausência do glide em [veyʃami] e [ˈkaʃa], por exemplo, deve-se à presença da consoante palatal. Esse fato decorre de um processo assimilatório que ocorre no *tier* melódico, em que o traço alto da consoante /ʃ/ é compartilhado por dois segmentos vizinhos.

No ambiente de tepe /r/, por sua vez, por alternar livremente com a vogal simples e por não implicar mudança de sentido, como em [caˈdeyra ~ caˈdera] e [priˈmeyru ~ priˈmeru], a autora considera a estrutura [ey] um ditongo leve, portanto, quando seguido de líquida não lateral, não existe na estrutura profunda. Para defender esse ponto de vista, a autora parte da existência de pares /a, ey/ – primário, primeiro – em que há uma relação de metátese, de modo que a vogal /a/ alterna com /ey/ na derivação; e do pressuposto de que as consoantes líquidas /l, r/ formam com as vogais, considerando a escala de sonoridade, a classe que possui o traço vocálico e de que existe entre a vogal e a consoante líquida /r/, considerando a organização de traços binários, um vazio que pode ser preenchido por um glide.

Nos estudos de Cabreira (1996), Silva (2004) e Hora (2007), o ditongo [ay] é o mais resistente à monotongação; o ditongo [ey] é menos restritivo que [ay], porém, menos monotongado que [ow]. Para Silva (2004), a monotongação de [ow], uma vez

que ocorre em qualquer contexto, independentemente das variáveis linguísticas e/ou sociais, pode ser considerada um estado de mudança praticamente consumada.

De acordo com Cristofolini (2011, p. 224), o ditongo /ow/, em relação às variáveis linguísticas e extralinguísticas, é sensível somente à tonicidade da sílaba do próprio ditongo. Entretanto, ao analisá-lo acusticamente, a autora constata a existência de duas variáveis: a manutenção do ditongo (retenção da semivogal) e a monotongação (apagamento total). Quando ocorre a monotongação, o apagamento da semivogal alonga a duração da vogal [o] ou a semivogal é reduzida, mostrando indícios de sua presença na coarticulação da vogal para o segmento seguinte.

Em uma análise formântica, Cristofolini (ibid., p. 220-221) observa que há um comportamento distinto entre os ditongos preservados e os monotongados: enquanto a vogal e o ditongo preservado mantêm características próprias, o ditongo monotongado ora se aproxima da vogal, ora se aproxima do ditongo. Observando somente segmentos monotongados, percebe que os formantes⁷ (f1 e f2) não mantêm uma regularidade coerente com o primeiro alvo (a vogal [o]) em todos os segmentos, ou seja, que não há apagamento total da semivogal em todos os monotongos. Desse modo, poderíamos ressaltar que a semivogal deixa sua marca, mesmo que não seja auditivamente perceptível (idem, ibid., 223).

⁷ A classificação articulatória das vogais está relacionada ao corpo da língua e aos lábios. O movimento vertical do corpo da língua está relacionado ao 1º formante e o horizontal está relacionado ao 2º formante. (SEARA, 2008).

4. METODOLOGIA

Esta seção está atrelada ao método utilizado para a aquisição dos dados e as variáveis controladas em cada corpus.

4.1. PERFIL DOS SUJEITOS-INFORMANTES

O perfil dos alunos escolhidos para esse estudo teve como base os seguintes critérios abaixo:

- a. alunos que cursaram o primeiro e que cursam o segundo ciclo da alfabetização em escolas rurbanas e urbanas;
- b. alunos nascidos e residentes em zonas rurbaria (bairros periféricos) e urbana do município de Itabaiana/SE;
- c. alunos cujos pais também são nascidos na zonas rurbaria e urbana do referido município e que não apresentam grande mobilidade geográfica.

4.2. A COLETA

Na tentativa de coletar as amostras deste trabalho com intuito de ratificar nossas suposições ao que se refere as evidências dos contextos e grupos de fatores em que favorecem a representação da monotongação na produção escrita de crianças oriundas de Itabaiana/SE que cursam 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental, aplicamos, desse modo, as atividades em duas escolas situadas em zonas urbanas e em duas escolas rurbanas, sendo três turmas de cada escola. A atividade, por sua vez, foi feita por meio de um ditado mudo e lacunado, constituído de 27 palavras que apresentam alta frequência de uso na comunidade de fala itabaianense e contextos fonológicos favorecedores do processo de monotongação como: *brigadeiro, beijo, cadeira, madeira, enfermeira, pedreiro, beijando, beija, queijo, feijão, peixe, apaixonou, apaixonado, baixo, caixa, ouro, cortou, tesoura, roubou, tesouro, roubadas, touca, lavou, roupas, toureiro, touro e tourada*.

A coleta foi aplicada nas escolas durante o segundo semestre de 2015. Os membros integrantes das quatro escolas, isto é, diretores, coordenadores pedagógicos, professores e, principalmente os alunos, contribuíram bastante durante as aplicações das

atividades que foram propostas durante a coleta de dados. Devido as duas escolas localizadas nas zonas urbanas ficarem dentro do perímetro urbano da cidade, não tivemos dificuldades durante os acessos à ida. Em contrapartida, nas duas escolas situadas nas zonas rurbanas, tivemos dificuldades, sobretudo, em dias chuvosos, mas nada que nos impossibilitasse de coletar os dados.

4.3. CONSTITUIÇÃO DOS *CORPORA*

Os estudos sociolinguísticos costumam trabalhar com registros de informações sociais relevantes obtidas de informantes reais. Tendo em vista que tais registros não são, necessariamente, representativos da linguagem oral espontânea (fala), mas também da interação verbal provinda de textos escritos dos mais variados tipos (NEVES, 2000, p. 14), adotamos neste estudo dois corpora; cada corpus constituído de duzentas e sessenta e duas palavras escritas por crianças dos três últimos anos da primeira etapa do Ensino Fundamental e de três amostras:

- Amostra 1: ditongo decrescente oral /ay/;
- Amostra 2: ditongo decrescente /ey/;
- Amostra 3: ditongo decrescente /ow/.

4.3.1. Cômputo dos dados

Adotamos, como corpora de análise, 5741 ocorrências de representação/cancelamento do processo de monotongação na modalidade escrita, sendo 2558 referentes ao corpus I (zona rurbarana) e 3183 referentes ao corpus II (zona urbana), como se observa na tabela abaixo.

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências de representação/cancelamento da monotongação

Corpus I			Corpus II		
Zona rurbana			Zona urbana		
Amostra de /ay/	Amostra de /ey/	Amostra de /ow/	Amostra de /ay/	Amostra de /ey/	Amostra de /ow/
398	1103	1057	464	1392	1327
Total: 2558			Total: 3183		

Os dados coletados neste trabalho foram submetidos à análise estatística do programa GoldVarb X (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, 2005), a fim de identificar as variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) significativas e de verificar a frequência relativa das formas variantes nos corpora: representação (apagamento da semivogal /j/) /cancelamento (Inserção da semivogal /j/) da monotongação; bem como os pesos relativos dos grupos de fatores controlados e o efeito de cada fator sobre o uso da variante investigada.

4.3.2. Variáveis controladas nos corpora

Nesta subseção, vamos descrever os grupos de fatores (ou variáveis) controlados, exemplificá-los e apresentar nossas expectativas em relação à contribuição de cada fator no processo de representação (apagamento da semivogal /j/) /cancelamento (Inserção da semivogal /j/) da monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow], na produção textual escrita.

4.3.2.1. Variável dependente

Controlamos como variável dependente a representação/cancelamento da monotongação dos ditongos orais /ay/, /ey/ e /ow/, na produção textual escrita de crianças que cursam os três últimos anos da primeira etapa do Ensino Fundamental em escolas públicas rurbanas e urbanas de Itabaiana/SE.

Quadro 2 – Variável dependente

Variável dependente	Exemplos
<i>Representação</i> (apagamento das semivogais /y/ e /w/ nos ditongos orais /ay/, /ey/ e /ow/ em contextos de motivação linguística) / <i>cancelamento</i> (inserção das semivogais dos referidos ditongos)	CAIXA > “caxa”
	ENFERMEIRA > “enfermera”
	ROUPAS > “ropas”

4.3.2.2. Variáveis independentes controladas

Controlamos nove variáveis independentes, sendo quatro de natureza extralinguística (externa) e cinco que levam em consideração o uso da língua.

Quadro 3 – Relação das variáveis independentes controladas

Variáveis extralinguísticas			
1. Faixa etária A: (8 anos) B: (9 anos) C: (10-12 anos)	2. Sexo Masculino Feminino	3. Escolaridade Ensino fundamental I (3º ao 5º ano)	4. Localidade geográfica Zona rural Zona urbana
Variáveis linguísticas			
Considerando a língua em uso, conforme tipologia de Bybee (2003)			
TOKEN FREQUENCY (Frequência de ocorrência de determinada palavra)		TYPE FREQUENCY (Frequência de uso de determinado padrão estrutural)	
a. caixa, apaixonou, apaixonado b. cadeira, madeira, pedreiro c. touca, roupa, touro		a. Classes de palavras Não verbo Verbo c. Contextos fonológicos anteriores Ex: Contexto de linguodental: cadeira b. Tonicidade da sílaba Tônica Átona d. Contextos fonológicos posteriores Ex: Contexto de tepe: Enfermeira, touro	

Quadro 4 – Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas

Localidade geográfica	Sexo	Faixa etária		Escolaridade (3º ao 5º ano)	Nº I
Zona	Feminino	A	(8 anos)	3º	26
		B	(9 anos)	4º	18
		C	(10-12 anos)	5º	22

rurbana	Masculino	A	(8 anos)	3º	26
		B	(9 anos)	4º	17
		C	(10-12 anos)	5º	18
Zona urbana	Feminino	A	(8 anos)	3º	21
		B	(9 anos)	4º	24
		C	(10-12 anos)	5º	24
	Masculino	A	(8 anos)	3º	21
		B	(9 anos)	4º	20
		C	(10-12 anos)	5º	25

4.3.3. Discriminação das variáveis independentes de natureza linguística

Nesta subseção, descreveremos as variáveis independentes de natureza linguística:

- Frequência de ocorrência de determinada item lexical
- Frequência de ocorrência de determinado padrão estrutural
 - a. Classe de palavra
 - b. Tonicidade da sílaba
 - c. Contexto fonológico anterior
 - d. Contexto fonológico posterior

4.3.3.1. Frequência de ocorrência de determinado item lexical

Consideramos que vocábulos como “caixa”, “baixo”, “apaixonado”, “beijo”, “madeira”, “enfermeira”, “touca”, “roupa”, “touro”, proporcionam um aumento em relação à frequência de ocorrência na fala de crianças e adultos residentes em Itabaiana/SE, principalmente em situações de menor monitoramento, uma vez que nosso objeto de estudo, a monotongação, não é um fenômeno estigmatizado, fator esse que, através dos dados coletados para confrontar as duas zonas (rurbana e urbana), contribui e favorece diretamente as ocorrências de supressão dos ditongos decrescentes orais /ay/, /ey/ e /ow/, na produção textual escrita de crianças.

4.3.3.2. Frequência de ocorrência de determinado padrão estrutural

4.3.3.2.1. Variável independente “classe de palavras”

Controlamos e dividimos as classes de palavras em verbo e não verbo. Esperamos, a partir de vocábulos como *apaixonou* (verbo) e *caixa* (não verbo), que o fenômeno da monotongação seja motivado por esse contexto em ambas as classes. Desse modo, cremos que a supracitada variável não será motivada pela presença/apagamento dos ditongos decrescentes orais em estudo.

- Exemplo de palavra de natureza verbal: *apaixonou*
- Exemplo de palavra de natureza não verbal: *caixa*

4.3.3.2.2. Variável independente “tonicidade da sílaba”

Do ponto de vista fonético, a sílaba é um movimento de força muscular que se intensifica atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força, ou seja, é cada movimento de contração e cada jato de ar expelido, sucessivamente, dos pulmões pelo relaxamento dos músculos respiratórios. A estrutura de uma sílaba, por sua vez, é constituída de três partes: uma parte nuclear obrigatória, que geralmente é preenchida por um segmento vocálico, e duas partes periféricas, que são preenchidas por segmentos consonantais. Essa estrutura também pode ser preenchida apenas por um segmento vocálico ou por um ditongo (SILVA, 2013, p. 76).

Nossa hipótese é a de que a tonicidade da sílaba não condiciona a presença/apagamento dos ditongos em estudo no uso da modalidade escrita da língua.

- Exemplo de ditongo oral na sílaba tônica: *te/sou/ro*
- Exemplo de ditongo oral na sílaba pretônica: *rou/ba/das*

4.3.3.2.3. Variável independente “contexto fonológico anterior”

O contexto fonológico anterior é o contexto linguístico que antecede o ditongo. Acreditamos que a natureza do contexto anterior não constatará o processo de representação (apagamento da semivogal /j/) /cancelamento (Inserção da semivogal /j/)

da monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow], na produção textual escrita.

Exemplo de contexto fonológico anterior linguodental /d/: *madeira*

4.3.3.2.4. Variável independente “contexto fonológico posterior”

O contexto fonológico posterior é o contexto linguístico posterior à semivogal. Esperamos que a natureza dessa variável constate o processo de representação (apagamento da semivogal /j/) /cancelamento (Inserção da semivogal /j/) da monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow], na produção textual escrita.

Exemplo de contexto fonológico posterior tepe /t/: *enfermeira* - (condiciona o apagamento dos ditongos em questão)

- Exemplo de contexto fonológico posterior bilabial surdo /p/ *roupa* (não condiciona o apagamento dos ditongos em questão)

4.3.4. Descrição das variáveis independentes extralinguísticas

Nesta subseção, descreveremos as variáveis independentes de natureza extralinguística (diatópicas e diastráticas):

- Localidade geográfica
- Idade
- Sexo
- Escolaridade

4.3.4.1 Variável independente “localidade geográfica”

A variável “localidade geográfica” escolhida para este estudo foi a localidade em que os sujeitos-informantes moram, zona rural e urbana da cidade de Itabaiana/SE, respectivamente. Nesse trabalho se faz relevante controlar essa variável,

pois os alunos que são residentes de zona urbana possuem um maior contato com meios de comunicação que proporcionam uma abrangente relação com códigos escritos, esse códigos influenciam diretamente no desenvolvimento da produção textual escrita dos alunos. Em contrapartida, os alunos que são residentes de zona rural, não possuem tanto contato com múltiplos meios de comunicação que usem a norma padrão escrita, e isso reflete diretamente no momento de transmitir o conhecimento por meio produção textual escrita. Em vista disso, nossa conjectura é a de que os alunos oriundos de zonas rurais de Itabaiana, sobretudo os que estudam 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino fundamental, sejam mais suscetíveis a transmissão da escrita monotongada do que os alunos que são residentes de zonas urbanas do supracitado município.

4.3.4.1. Variável independente “faixa etária”

Os dados foram coletados por alunos com faixa etária **A** (8 anos), **B** (9 anos) e **C** (10-12 anos). Nossa conjectura é a de que a variável idade condiciona processo de representação (apagamento da semivogal /j/) /cancelamento (Inserção da semivogal /j/) da monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow], na produção textual escrita. Dessa forma, acreditamos que os alunos de menor faixa etária tendem a monotongar com mais frequência em relação aos discentes com maior faixa etária.

4.3.4.2. Variável independente “sexo”

A variável sexo foi dividida em sexo masculino e feminino. Nossa hipótese é a de que haja mais motivação no processo de representação (apagamento da semivogal /j/) /cancelamento (Inserção da semivogal /j/) da monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow], na produção textual escrita pelos meninos do que no uso da modalidade escrita pelas meninas, uma vez que os estudos sociolinguísticos evidenciam que as mulheres são mais sensíveis que os homens em relação ao uso de formas linguísticas padrão (MOLLICA, 1998, p. 22).

4.3.4.3. Variável independente “escolaridade”

Os dados foram coletados em quatro escolas do 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino fundamental, sendo duas situadas na zona rural e duas localizada na zona

urbana de Itabaiana/SE. Esta variável foi controlada porque acreditamos que a condição social condicione efetivamente durante o período de construção da escrita. Estudos sociolinguísticos demonstram que, quanto maior o nível de escolaridade, maior o contato do indivíduo com práticas sociais de uso da escrita (maior o grau de letramento) e maior a compreensão das diferenças entre fala e escrita. Na medida em que acreditamos que o apagamento dos referidos ditongos na modalidade escrita pode ser reduzido com o avanço da escolaridade, nossa suposição é a de que a variável escolaridade condiciona diretamente a presença/apagamento dos ditongos em questão, no uso da modalidade escrita da língua.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção será dedicada ao cotejamento dos resultados que foram adquiridos durante a coleta de dados aplicada em quatro escolas do 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino fundamental, sendo duas situadas na zona rural e duas localizadas na zona urbana de Itabaiana/SE no segundo semestre de 2015, do mesmo modo, serão averiguadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas que motivam o processo de representação (apagamento da semivogal /j/) /cancelamento (Inserção da semivogal /j/) da monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow] na produção textual escrita de alunos da zona rural e urbana. No entanto, só serão confrontadas as variáveis que forem consideradas significativas pelo programa GoldVarb X.

Através da exibição do quadro abaixo, mostraremos alguns exemplos de casos mais recorrentes em que os alunos, por meio do código escrito, transmitem e corroboram para o processo da monotongação dos ditongos decrescentes orais [aj, ej, ow].

Quadro 5 – Formas de representação da monotongação na escrita

Representação/cancelamento das semivogais /y/ e /w/ nos ditongos orais /ay/, /ey/ e /ow/ em contextos linguísticos.		Exemplos
/ay/	Ausência do glide /y/: redução do ditongo oral decrescente à vogal plena	baixo > “baxo”
/ey/	Ausência do glide /y/: redução do ditongo oral decrescente à vogal plena	brigadeiro > “brigadero”
/ow/	Ausência do glide /y/: redução do ditongo oral decrescente à vogal plena	touca > “toca”

5.1. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS AMOSTRAS DO DITONGO ORAL DECRESCENTE /ay/

Nesta subseção serão confrontadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas responsáveis pela representação/cancelamento da monotongação do ditongo [ay], nas produções textuais escritas de alunos 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino Fundamental que estudam e são oriundos de zonas rurais e urbanas de Itabaiana/SE. O GoldVarb X, programa utilizado para obter os pesos relativos das variáveis, selecionou como favorecedoras/inibidoras da representação da monotongação do

ditongo oral decrescente [ay], nas localidades geográficas em estudo, as variáveis: tonicidade da sílaba, sexo e escolaridade/idade.

5.1.1. Variáveis independentes de natureza linguística (padrões estruturais)

5.1.1.1. Variável “Tonicidade da sílaba”

Tabela 2 – Frequência relativa da representação/cancelamento da monotongação do ditongo /ay/ - tonicidade da sílaba

Input: 0.788 (ZR) / 0.027 (ZU)

Tonicidade da sílaba		Representação da monotongação (apagamento do glide /y/)		Cancelamento da monotongação (inserção do glide /y/)		Peso relativo
		Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	
Zona Rurbana	Sílaba Tônica	186/202	92.1	16/202	7.9	.71
	Sílaba Átona	127/196	64.8	69/196	35.2	.28
Zona Urbana	Sílaba Tônica	213/234	91	21/234	9	.70
	Sílaba Átona	151/230	65.7	79/230	34.3	.29

Significância: 0.000 (ZR) /0.044 (ZU)

Verificarmos a frequência de uso das sílabas tônicas e átonas das palavras, obtivemos resultados que evidenciam que a frequência de uso da sílaba átona tanto na zona rurbana quanto na zona urbana, favorecem a representação da monotongação do ditongo decrescente /ay/, na produção textual escrita, porém, a das sílabas tônicas não as favorecem. As sílabas átonas, em ambas as zonas, apresentam frequências de 64.8% e 65.7%, respectivamente, das variantes monotongadas, cujas frequências no total de dados correspondem a 78,6% (zona rurbana) e 78.4% (zona urbana), as tônicas apresentam frequências de 7.9% (zona rurbana) e 9% (zona urbana).

Os pesos relativos contribuem para as evidências mencionadas no parágrafo anterior. As sílabas átonas apresentam pesos relativos (.28 na zona rurbana) e (.29 na zona urbana), isto é, abaixo de .50 (valor que favorece a representação da monotongação). Em contrapartida, as sílabas tônicas, apresentam pesos (.71) e (.70), respectivamente, valores que favorecem a aplicação da regra: cancelamento da monotongação.

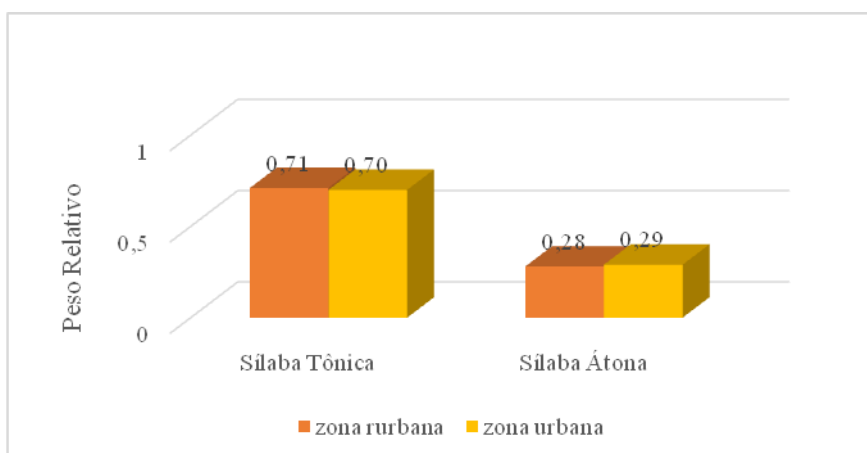


Figura 1: Efeito da variável "Tonicidade da sílaba" sobre /ay/

A figura 1 representa a variável *tonicidade da sílaba* que, por sua vez, está dividida em sílaba *tônica* e *átona*, sendo que a sílaba *átona* demonstra ser favorecedora a representação da monotongação do ditongo oral decrescente /ay/ quando se é transmitido para o código escrito nas zonas rurbanas e urbanas em estudo, uma vez que apresentam pesos relativos abaixo de .50 (.28 e .29, respectivamente). Todavia, as sílabas *tônicas* favorecem ao cancelamento (inserção da semivogal /j/) do processo fonológico, pois apresentam pesos relativos (.70) e (.71) em ambas as zonas, ou seja, acima de .50, valor que favorecem a aplicação da regra: inserção na escrita do ditongo /ay/.

5.1.2. Variáveis independentes de natureza extralinguística (sociais)

5.1.2.1. Variável "Sexo"

Tabela 2: Frequência relativa da representação/cancelamento da monotongação do ditongo /ay/ - sexo

Input: 0.788 (ZR) / 0.27 (ZU)

Sexo		Monotongação Representação (apagamento) da semivogal /j/		Ditongo Cancelamento (inserção) da semivogal /j/		Peso relativo
		Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	
Zona Rurbana	Masculino	141/186	75.8	45/186	24.2	.45
	Feminino	172/212	81.1	40/212	18.9	.53
Zona Urbana	Masculino	139/189	73.5	50/189	26.5	.42
	Feminino	225/275	81.2	50/275	18.8	.55

Significância: 0.197 (ZR) / 0.044 (ZU)

Ao observarmos os dados que foram coletados dos sexos masculino e feminino em escolas de zona rurbana e urbana do município de Itabaiana/SE, podemos verificar evidências de que em ambas as zonas os meninos tendem a monotongar mais que as meninas, visto que eles obtiveram frequências de 75.8% na zona rurbana e 73.5% na zona urbana. As meninas, por sua vez, tiveram frequências de 81.1% e 81.2% nas respectivas zonas. Portanto, observa-se que as meninas se monitoram mais que os meninos no que diz respeito à escrita.

Tendo em vista que os pesos relativos do sexo masculino de ambas as zonas foram (.45) na zona rurbana e (.42) na zona urbana, podemos ratificar que o sexo masculino favorece a representação da monotongação, pois têm pesos abaixo de .50. No entanto, os dados controlados no sexo feminino, demonstram que favorecem ao cancelamento da monotongação, pois apresentam pesos relativos (.53) na rurbana e (.55) na urbana, respectivamente.

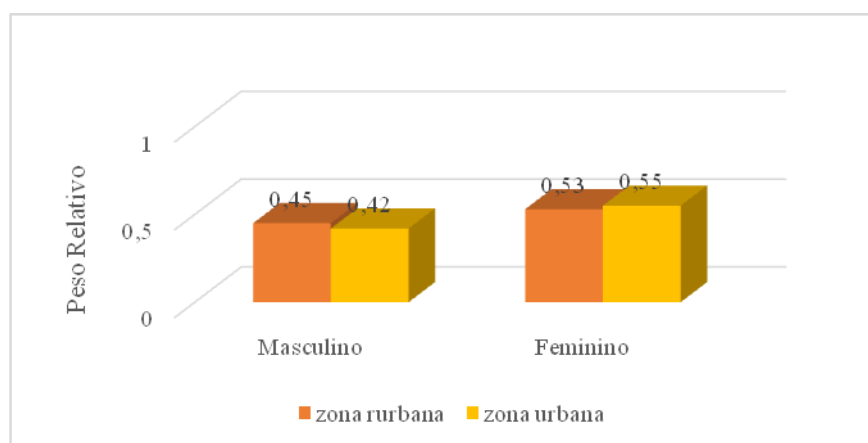


Figura 2: Efeito da variável “Sexo” sobre /ay/

Na figura 2 podemos observar que a variável *sexo* foi dividida em sexo *feminino* e *masculino*, sendo que o sexo *masculino* se mostrou favorecedor a representação da monotongação do ditongo oral decrescente /ay/ na produção textual escrita de acordo com os dados obtidos nas zonas rurbanas e urbanas, apresentando pesos relativos abaixo de .50 (.45 e .42, respectivamente). No entanto, os dados obtidos do sexo *feminino* tiveram pesos acima de .50, (.53 na zona rurbana e .55 na zona urbana), o que favorecem ao cancelamento (inserção da semivogal /j/) da monotongação na escrita.

5.1.2.2. Variável “Escolaridade/idade”

Tabela 3: Frequência relativa da representação/cancelamento da monotongação do ditongo /ay/ - escolaridade/idade

Input: 0.848 (ZR) / 0.827 (ZU)

Localidade geográfica	Escolaridade/idade	Monotongação		Ditongo		Peso relativo
		Representação (apagamento) da semivogal /j/		Cancelamento (inserção) da semivogal /j/		
		Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	
Zona Rurbana	3º (8 anos)	84/137	61.3	53/137	38.7	.27
	4º (9 anos)	100/115	87	15/100	13	.61
	5º (10-12 anos)	129 /146	88.4	17/146	11.6	.64
Zona Urbana	3º (8 anos)	75/109	68.8	34/109	31.2	.35
	4º (9 anos)	125/163	76.7	38/163	23.3	.46
	5º (10-12 anos)	164/192	85.4	28/192	14.6	.61

Significância: 0.000 (ZR) /0.044 (ZU)

O controle da variável escolaridade/idade nos mostra que a escolaridade reduz a representação do ditongo oral decrescente /ay/ na escrita monotongada, isto é, quanto maior a escolaridade, maior será a inserção da semivogal no referido ditongo. Esse controle foi feito no 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino Fundamental de alunos que estudam e são oriundos de zonas rurbanas e urbanas da cidade Itabaiana/SE.

Os alunos dos terceiros anos das zonas rurbanas e urbanas apresentaram frequências 61.3% e 68.8% de modo respectivo, ao passo que os estudantes dos quartos anos obtiveram frequências de 87% e 76.7%, por sua vez, os discentes dos quintos anos possuíram 88.4% e 85.4%.

Os pesos relativos dos terceiros correspondem a (.27) na zona rurbanda e (.35) na zona urbana, ou seja, pesos relativos abaixo de .50 (valor que favorece a aplicação da representação da monotongação). Os quartos anos de ambas as zonas apresentaram (.61) e (.46). No entanto, nos quintos anos os pesos obtidos foram (.64) e (.61). Estes valores corroboram para nossa evidência, a qual possibilita inferir que quanto maior o nível de escolaridade, menor será o percentual de monotongação na produção textual escrita.

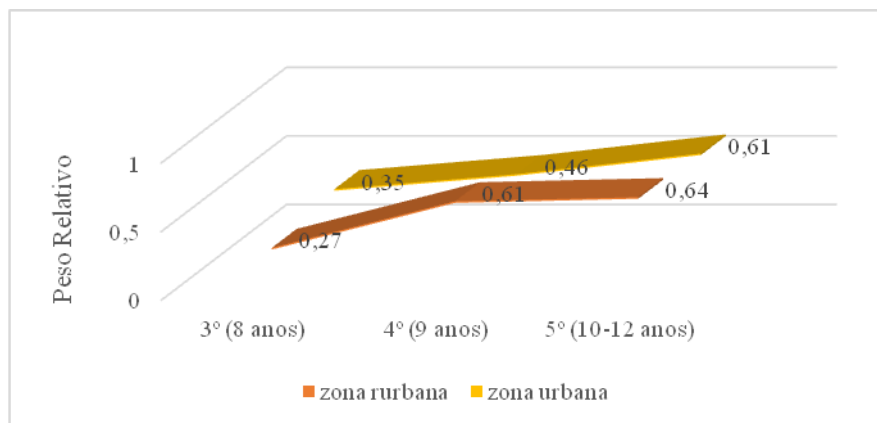


Figura 3: Efeito da variável “Escolaridade/Idade” sobre /ay/

A figura 3 demonstra que tanto na zona rural quanto na zona urbana, à medida que os alunos avançam de série, paulatinamente, favorecem ao cancelamento (inserção) do ditongo oral decrescente /ay/ no código escrita. Os pesos relativos alcançados na zona rural foram (.27) no terceiro ano, (.61) no quarto ano e (.64) no quinto ano. Na zona urbana tivemos pesos de (.35) no terceiro ano, (.46) no quarto ano e (.61) no quinto ano. Dessa forma, os dados mostrados através dos pesos relativos em ambas as zonas, ratificam nossa hipótese de que quanto maior a escolaridade do aluno, menor será a aplicação da monotongação na escrita.

É bastante comum presenciar a influência de traços da fala para a escrita, sobretudo, na primeira etapa do Ensino Fundamental. Assim, através dos dados mencionados na figura 3, podemos notar essa evidência de acordo com o nosso fenômeno em estudo, a *monotongação*, uma vez que esta não é estigmatizada na fala, e por isso muito recorrente, principalmente em momentos em que não se é exigido monitoramento estilístico. Logo, as evidências mostram que com a progressão das séries refreiam a monotongação na modalidade escrita.

5.2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS AMOSTRAS DO DITONGO ORAL DECRESCENTE /ey/

Nesta subseção, serão confrontadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas que favorecem/refreiam a representação da monotongação do ditongo decrescente oral [ey], nas produções textuais escritas de alunos 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino Fundamental que estudam e são oriundos de zonas rurbanas e urbanas de Itabaiana/SE. O programa GoldVarb X (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, 2005) selecionou como favorecedoras/inibidoras da representação da monotongação do ditongo [ey], nas localidades geográficas em estudo, as variáveis: contexto posterior, sexo e escolaridade/idade.

5.2.1. Variáveis independentes de natureza linguística (padrões estruturais)

Para obter os pesos relativos nesta subseção, utilizamos o programa GoldVarb X, foi através dele que podemos conjecturar as variáveis linguísticas e extralinguísticas responsáveis pela representação/cancelamento da monotongação do ditongo [ey], nas produções textuais escritas de alunos 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino Fundamental que estudam e são oriundos de zonas rurbanas e urbanas de Itabaiana/SE. O programa referido, elegeu como favorecedoras/inibidoras da representação da monotongação do ditongo oral decrescente [ey], nas localidades geográficas em estudo, as variáveis: contexto posterior, sexo e escolaridade/idade.

5.2.1.1. Variável “Contexto Posterior”

Tabela 4: Frequência relativa da representação/cancelamento da monotongação do ditongo /ey/ - contexto posterior

Input: 0.804(ZR) /0.885(ZU)

Contexto fonológico posterior		Monotongação		Ditongo		
		Representação (apagamento) da semivogal /j/		Cancelamento (inserção) da semivogal /j/		Peso relativo
		Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	
Zona Rurbana	Consoante [r] (pedreiro)	408/540	75.6	132/540	24.4	.43
	Consoante [ʒ] (beijo)	369/465	79.4	96/465	20.6	.49
	Consoante [ʃ] (peixe)	92/98	93.9	6/98	6.1	.80
Zona Urbana	Consoante [r] (pedreiro)	558/690	80.9	132/690	19.1	.39
	Consoante [ʒ] (beijo)	519/577	89.9	58/577	10.1	.59
	Consoante [ʃ] (peixe)	115/125	92	10/125	8	.61

Significância: 0.000 (ZR)/ 0.000 (ZU)

Controlamos como contexto fonológico posterior ao ditongo oral decrescente /ey/ em relação as consoantes /ɾ, ʒ, ʃ/. Tanto na zona rurbana quanto na urbana, os resultados evidenciam que a frequência de uso da consoante (tepe) [ɾ], favorece a representação da monotongação do ditongo oral decrescente /ey/ na produção textual escrita. O tepe [ɾ] apresenta frequência de 75,6% na zona rurbana e 80.9% na zona urbana. No contexto posterior representado pela consoante fricativa alveolopalatal vozeada [ʒ], as frequências foram de 79.4 na zona rurbana e 89.9% na zona urbana. O contexto posterior na consoante fricativa alveolopalatal não-vozeada [ʃ] apresentam 93.9 na zona rurbana e 92% na zona urbana.

As evidencias são demonstradas por meio dos pesos relativos de cada contexto posterior. A consoante [ɾ] apresenta peso relativo (.43) na zona rurbana e (.39) na zona urbana. O contexto posterior representado pela consoante [ʒ], apresentam pesos relativos (.49) na zona rurbana e (.59) na zona urbana. A consoante [ʃ], no entanto, apresenta pesos relativos (.80) na rurbana e (.61) na zona urbana.

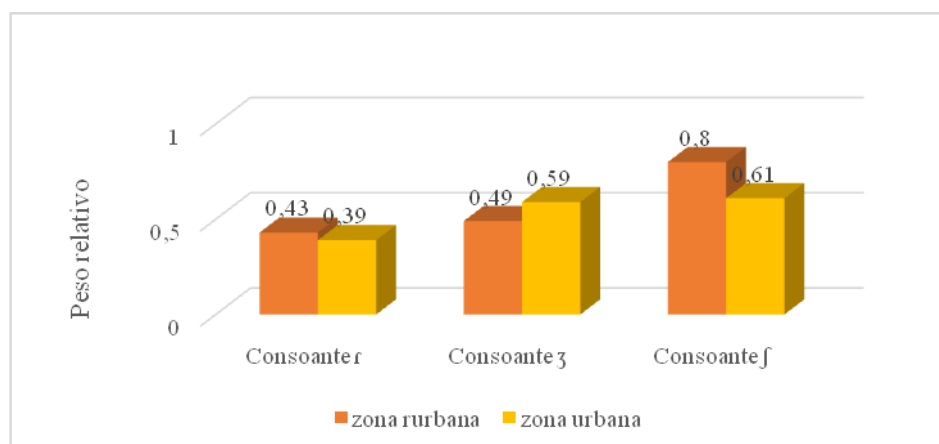


Figura 4: Efeito da variável “Contexto fonológico posterior” sobre /ey/

A figura 4 demonstra que o tepe [r] favorece a representação da monotongação, na escrita, tanto na zona rurbana quanto na zona urbana, uma vez que apresenta pesos relativos (.43) e (.39) respectivamente. O contexto da fricativa alveolopalatal vozeada [ʒ] na zona rurbana, exerce efeito praticamente nulo em relação a representação da monotongação, visto que apresenta peso relativo (.49), sendo que acima de (.50) favoreça ao cancelamento da semivogal do ditongo /ey/, por sua vez, na mesma consoante, [ʒ], o peso relativo da zona urbana foi (.59) o que favorece ao cancelamento (inserção da semivogal) na modalidade escrita. Os pesos relativos referentes a fricativa alveolopalatal não-vozeada [ʃ] favorecem ao cancelamento em ambas as zonas, pois tiveram pesos relativos (.80) e (.61), respectivamente.

5.2.2. Variáveis independentes de natureza extralinguística (sociais)

5.2.2.1. Variável “Sexo”

Tabela 5: Frequência relativa da representação/cancelamento da monotongação do ditongo /ey/ - sexo

Input: 0.789 (ZR) /0.885 (ZU)

Sexo		Monotongação		Ditongo		
		Representação		Cancelamento		
		(apagamento) da semivogal /j/		(inserção) da semivogal /j/		
		Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	Peso relativo
Zona Rurbana	Masculino	355/467	76	112/467	24	.45
	Feminino	514/636	80.8	122/636	19.2	.53
Zona Urbana	Masculino	676/818	82.6	142/818	17.4	.41
	Feminino	516/574	89.9	58/574	10.1	.61

Significância: 0.000 (ZR) /0.000 (ZU)

Os dados controlados dos sexos masculino e feminino, em escolas de zona rurbana e urbana do município de Itabaiana/SE, evidenciam que em ambas as zonas os meninos tendem a monotongar mais que as meninas, pois eles apresentaram frequências de 76% na zona rurbana e 82.6% na zona urbana. Entretanto, as meninas obtiveram frequências de 80.8% e 89.9% nas respectivas zonas. Logo, nota-se que, nesta amostra, as meninas se monitoraram mais que os meninos na modalidade escrita.

Os pesos relativos do sexo masculino de ambas as zonas foram (.45) na zona rurbana e (.41) na zona urbana, resultados que evidenciam que o sexo masculino favorece a representação da monotongação, visto que apresentam pesos abaixo de .50. Todavia, os dados controlados no sexo feminino demonstram favorecimento do cancelamento da monotongação, pois apresentam pesos relativos (.53) na rurbana e (.61) na urbana, de modo respectivo.

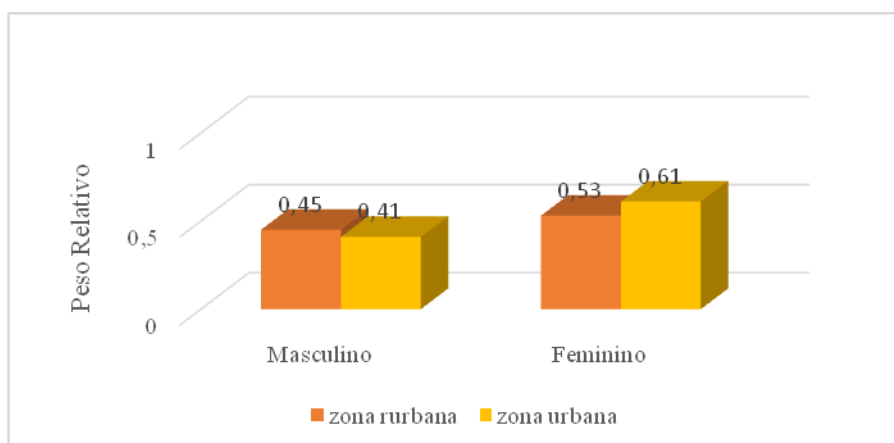


Figura 5: Efeito da variável “Sexo” sobre /ey/

Na figura 5, podemos observar que o *masculino* se mostrou favorecedor à representação da monotongação do ditongo oral decrescente /ey/ na produção textual escrita, de acordo com os dados das zonas rurbanas e urbanas, possuindo pesos relativos abaixo de .50 (.45 e .41, respectivamente). Contudo, os dados obtidos do sexo *feminino* apresentam pesos acima de .50, (.53 na zona rurbana e .61 na zona urbana), o que favorece ao cancelamento (inserção da semivogal /j/) da monotongação na escrita.

5.2.2.2. Variável “Escolaridade/Idade”

Tabela 6: Frequência relativa da representação/cancelamento da monotongação do ditongo /ey/ - Escolaridade/Idade

Input: 0.804 (ZR) /0.885 (ZU)

Localidade geográfica	Escolaridade/idade	Monotongação		Ditongo		Peso relativo
		Representação (apagamento) da semivogal /j/		Cancelamento (inserção) da semivogal /j/		
		Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	
Zona Rurbana	3º (8 anos)	229/338	67.8	109/338	32.2	.34
	4º (9 anos)	270/322	83.9	52/322	16.1	.57
	5º (10-12 anos)	370/443	83.5	73/443	16.5	.56
Zona Urbana	3º (8 anos)	258/342	75.4	84/342	24.6	.27
	4º (9 anos)	414/494	83.8	414/494	16.2	.44
	5º (10-12 anos)	520/556	93.5	36/556	6.5	.68

Significância: 0.000 (ZR) /0.000 (ZU)

Através do controle da variável *escolaridade/idade*, podemos constatar que a escolaridade refreia a representação do ditongo oral decrescente /ey/ na produção textual escrita, ou seja, quanto maior a escolaridade, maior será a inserção da semivogal no ditongo supracitado. Esse controle foi feito no 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino Fundamental de alunos que estudam em escolas públicas nas zonas rurbanas e urbanas do município de Itabaiana/SE.

Nos terceiros anos das zonas rurbana e urbana, os estudantes apresentaram frequências de 67.8% e 75.4%, respectivamente. Os alunos dos quartos anos obtiveram frequências de 83.9% e 83.8%, ao passo que, os discentes dos quintos anos possuíram 83.5% e 85.6%.

Os pesos relativos dos terceiros correspondem a (.34) na zona rurbana e (.27) na zona urbana, isto é, pesos relativos abaixo de .50 (valor que favorece a aplicação da representação da monotongação). Os quartos anos de ambas as zonas apresentaram (.57) e (.44). Em contrapartida, os quintos anos demonstraram pesos (.56) e (.68). Desse modo, os pesos contribuem para nossa hipótese, segundo a qual, quanto maior o progresso de escolaridade, menor será o percentual de monotongação na produção textual escrita.

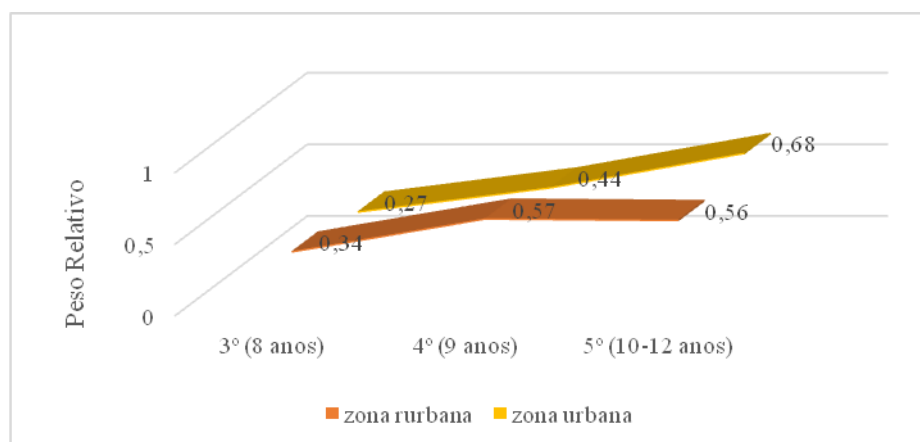


Figura 6: Efeito da variável “Escolaridade/Idade” sobre /ey/

Os pesos relativos alcançados por série na zona rural e urbana foram (.34) na zona rural e (.27) da mesma série da zona urbana. O quarto ano da zona rural obteve peso (.57), ao passo que o quarto ano da zona urbana apresentou peso (.44). Os quintos anos de ambas as zonas atingiram pesos (.56) e (.68) de modo recíproco. Esta figura 6 demonstra que, tanto na zona rural quanto na zona urbana, na medida em que os estudantes avançam de série, gradativamente, há o favorecimento do cancelamento (inserção) do ditongo oral decrescente /ey/ na modalidade escrita. Dessa forma, os dados mostrados através dos pesos relativos, em ambas as zonas, ratificam nossa hipótese de que quanto maior a escolaridade do aluno, menor será a aplicação da monotongação na escrita, o que evidencia que a referida variante tende a obedecer à mesma lógica de uso das demais marcas de oralidade na escrita de alunos do Ensino Fundamental I.

5.3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS AMOSTRAS DO DITONGO ORAL DECRESCENTE /ow/

O programa GoldVarb, nesta subseção, selecionou as variáveis tonicidade da sílaba, sexo e escolaridade/idade para confrontar as produções textuais escritas de estudantes do 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino Fundamental e, conseqüentemente, obter os pesos relativos para cada contexto na zona rurbana e urbana do município de Itabaiana/SE.

5.3.1. Variáveis independentes de natureza linguística (padrões estruturais)

5.3.1.1. Variável “Tonicidade da sílaba”

Tabela 7: Frequência relativa da representação/cancelamento da monotongação do ditongo /ow/ - tonicidade da sílaba

Input: 0.596 (ZR) /0.643 (ZU)

Tonicidade da sílaba		Monotongação		Ditongo		
		Representação		Cancelamento		
		(apagamento) da semivogal /j/		(inserção) da semivogal /j/		
		Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	Peso relativo
Zona Rurbana	Sílaba Tônica	381/627	60.8	246/627	39.2	.61
	Sílaba Átona	240/430	55.8	190/430	44.2	.33
Zona Urbana	Sílaba Tônica	523/802	65.2	279/802	34.8	.67
	Sílaba Átona	302/525	57.5	223/525	42.5	.25

Significância: 0.000 (ZR) /0.038 (ZU)

Foram controladas as frequências das palavras no que diz respeito às sílabas tônicas e átonas. Os resultados obtidos evidenciam que a frequência de uso da sílaba átona na zona rurbana bem como na zona urbana, favorecem a representação da monotongação do ditongo decrescente /ow/, na modalidade escrita, entretanto, a das sílabas tônicas não as favorecem. As sílabas átonas apresentam frequências 55.8% na zona rurbana e 57.5% na zona urbana, ao passo que, as sílabas tônicas demonstram 60.8% e 65.2% em ambas as zonas, respectivamente.

Os pesos relativos dos fatores referidos no parágrafo anterior contribuem para esta evidência. Na zona rurbana, a sílaba átona obteve peso relativo (.33) e zona urbana apresenta peso (.25) abaixo de .50 (valor que favorece a representação da

monotongação). No entanto, as sílabas tônicas de ambas as zonas apresentaram pesos relativos (.61) e (.67), de modo respectivo.

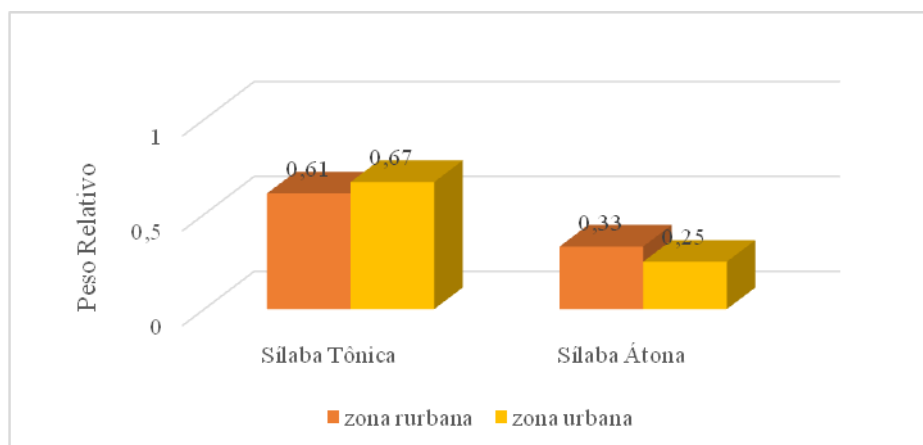


Figura 7: Efeito da variável “Tonicidade da Sílabas” sobre /ow/

A figura 7 demonstra que, na variável *tonicidade da sílaba*, a sílaba *átona* mostra-se favorecedora a representação da monotongação do ditongo oral decrescente /ow/ na produção textual escrita na zona rurana e na zona urbana, pois apresentam pesos relativos abaixo de .50 (.33) e (.25), respectivamente). As sílabas *tônicas*, por sua vez, favorecem ao cancelamento (inserção da semivogal /j/) da monotongação, visto que apresentam pesos relativos (.61) e (.67) em ambas as zonas, isto é, acima de .50, valores que favorecem a aplicação da regra: inserção do ditongo /ow/ na modalidade escrita.

5.3.2. Variáveis independentes de natureza extralinguística (sociais)

5.3.2.1. Variável “Sexo”

Tabela 8: Frequência relativa da representação/cancelamento da monotongação do ditongo /ow/ - sexo

Input: 0.596 (ZR) /0.643 (ZU)

Sexo		Monotongação		Ditongo		
		Representação		Cancelamento		
		(apagamento) da semivogal /j/		(inserção) da semivogal /j/		
		Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	Peso relativo
Zona Rurbana	Masculino	236/449	52.6	213/449	47.4	.42
	Feminino	385/608	63.3	223/608	36.7	.55

Zona Urbana	Masculino	393/672	58.5	279/672	41.5	.44
	Feminino	432/655	66	223/655	34	.55

Significância: 0.000 (ZR) /0.038 (ZU)

Coletamos e controlamos os dados de alunos dos sexos masculino e feminino em escolas de zona rurbana e urbana do município de Itabaiana/SE. As evidências encontradas, em ambas as zonas, corroboram para nossa hipótese, ou seja, os meninos tendem a monotongar mais que as meninas no tange à produção textual escrita, pois eles apresentaram frequências de 52.6% na zona rurbana e 58.5% na zona urbana. As meninas, porém, obtiveram frequências de 63.3% e 66% nas respectivas zonas. Dessa forma, percebe-se que as meninas se monitoram mais que os meninos na modalidade escrita.

O peso relativo obtido na zona rurbana foi de (.42), na zona urbana, entretanto, o peso relativo foi de (.44). Esses resultados evidenciam que o sexo masculino favorece a representação da monotongação, uma vez que apresentam pesos abaixo de .50. Em contrapartida, os dados alcançados no sexo feminino, demonstram favorecer ao cancelamento do ditongo decrescente oral /ow/, porque apresentam pesos relativos (.55) na rurbana e (.55) na urbana, respectivamente.

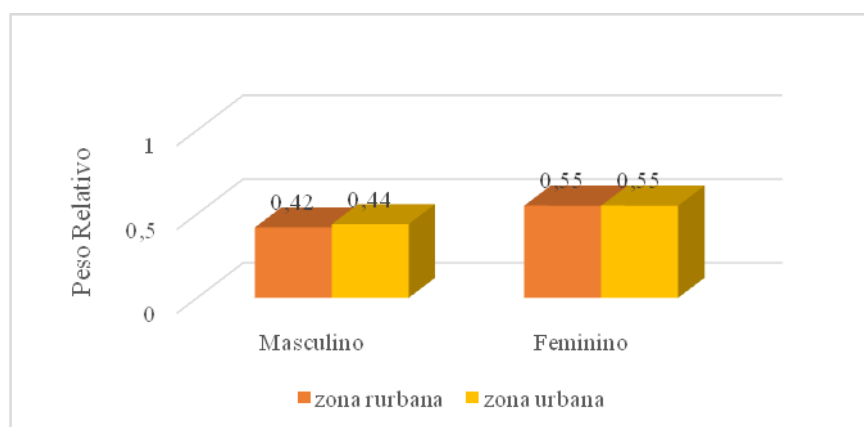


Figura 8: Efeito da variável “Sexo” sobre /ow/

A figura 8 apresenta a variável *sexo*, na referida variável o sexo *masculino* mostrou-se favorecedor a representação da monotongação do ditongo oral decrescente /ow/ no código escrito tanto na zona rurbana quanto na zona urbana, visto que obteve pesos relativos abaixo de .50 (.42 e .44, de modo respectivo). Contudo, os dados

adquiridos no sexo *feminino* apresentaram pesos acima de .50, (.53) na zona rurbana e (.55) na zona urbana), assim, favorecendo ao cancelamento (inserção da semivogal /j/) no ditongo oral decrescente /ow/ na produção textual escrita.

5.3.2.2. Variável “Escolaridade/Idade”

Tabela 9: Frequência relativa da representação/cancelamento da monotongação do ditongo /ow/ - escolaridade/idade

Input: 0.596 (ZR) /0.643 (ZU)

Localidade geográfica	Escolaridade/idade	Monotongação		Ditongo		Peso relativo
		Representação		Cancelamento		
		(apagamento) da semivogal /j/		(inserção) da semivogal /j/		
		Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	
Zona Rurbana	3º (8 anos)	157/309	50.8	152/309	49.2	.41
	4º (9 anos)	171/311	55	140/311	45	.44
	5º (10-12 anos)	293 /437	67	144/437	33	.59
Zona Urbana	3º (8 anos)	185/323	57.3	138/323	42.7	.43
	4º (9 anos)	280/445	62.9	165/445	37.1	.50
	5º (10-12 anos)	360/559	64.4	199/559	35.6	.53

Significância: 0.000 (ZR) /0.038 (ZU)

Ao controlarmos a variável *escolaridade/idade*, evidenciamos que o progresso da escolaridade reduz o processo de monotongação do ditongo oral decrescente /ow/ na modalidade escrita, isto é, quanto maior a escolaridade, maior será a inserção da semivogal no ditongo supracitado. Realizamos o controle dessa variável em escolas públicas situadas em zonas rurbanas e urbanas da cidade de Itabaiana/SE, nos 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino Fundamental.

Os alunos dos terceiros anos de ambas as zonas obtiveram alcançaram frequências de 50.8% e 57.3%, de modo respectivo. Os estudantes, porém, dos quartos anos apresentaram frequências de 55% na zona rurbana e 62.9% na zona urbana, ao passo que, os discentes dos quintos anos possuíam 67% e 64.4%, nas respectivas zonas.

Os pesos relativos adquiridos ratificam estas as supracitadas evidências. O terceiro da zona rurbana obteve peso (.41), à medida que a zona urbana teve peso (.43), ou seja, pesos relativos abaixo de .50 (valor que favorece a aplicação da representação da monotongação). Os quartos anos das referidas as zonas apresentaram (.44) e (.50). Os quintos anos, entretanto,

adquiriram pesos (.59) e (.53). Assim, os pesos corroboram para nossa conjectura, isto é, quanto maior o progresso de escolar, menor será a taxa de monotongação no código escrito.

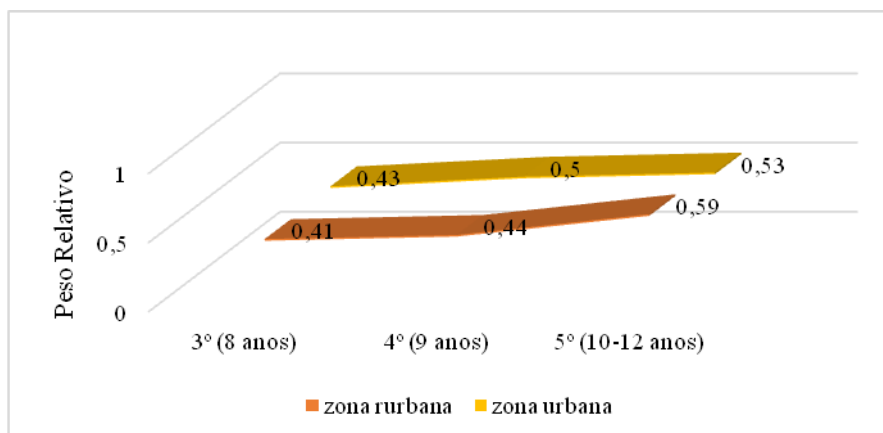


Figura 9: Efeito da variável “Escolaridade/Idade” sobre /ow/

Esta figura 9 permite ratificar que em ambas as zonas, à medida que os alunos avançam de série, gradativamente, apresentará um maior grau no tange ao cancelamento (inserção) do ditongo oral decrescente /ow/ na produção textual escrita. Os pesos relativos alcançados por série foram (.41) na zona rural e (.43) na zona urbana. O quarto ano da zona rural adquiriu peso (.44), porém, o quarto ano da zona urbana apresentou peso (.50). Os quintos anos das supracitadas zonas atingiram pesos (.59) e (.53) respectivamente. Portanto, os dados coletados evidenciam que em ambas as zonas nossa hipótese foi ratificada, pois quanto maior a escolaridade do aluno, menor será a aplicação da monotongação na produção textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados adquiridos nesse trabalho foi possível constatar que a representação/cancelamento da monotongação dos ditongos [ay], [ey] e [ow] é condicionada pelos fatores independentes de natureza linguística (internos): contexto fonológico posterior (tipo de consoante) e tonicidade da sílaba (átona e tônica) assim como, pelos fatores independentes de natureza extralinguística (diestráticos): escolaridade/idade e sexo, quando aplicadas durante as produções textuais escritas de alunos 3º, 4º e 5º anos da primeira etapa do Ensino Fundamental que estudam e são oriundos de zonas rurbanas e urbanas de Itabaiana/SE.

No tocante à variável independente de natureza linguística foi possível verificar, através da produção textual escrita, uma maior incidência da representação da monotongação nos ditongos decrescentes /ay/ e /ow/ no contexto tonicidade da sílaba, sendo as sílabas átonas as mais favorecedoras como em: /apaixonado ~ apaxonado/e /roubadas ~ robadas/, tanto na zona rurba quanto na zona urbana. A variável contexto posterior, por sua vez, também se mostrou favorecedora a representação da monotongação no ditongo decrescente oral /ey/ na modalidade escrita, sobretudo, em ambiente fonológico seguido de tepe /r/, como em: /enfermeira ~ enfermeira, bem em ambiente fonológico de consoantes fricativas alveolopalatais desvozeada /ʃ/ como palavras como /queijo ~ quejo /e vozeada /j/ como em /peixe ~pexe/.

Em relação às variáveis independentes de natureza extralinguística foi possível verificar, por meio da variável “sexo”, que o sexo masculino demonstrou-se ser mais favorecedor a representação da monotongação nos ditongos orais decrescentes /ay/, /ey/ e /ow/ no código escrito tanto na zona rurba quanto na zona urbana do o sexo feminino. Em relação à variável escolaridade/idade, evidencia-se que à medida que os alunos vão avançando de idade e escolaridade, diminui-se a representação da monotongação dos supracitados ditongos orais decrescentes em ambas as localidades geográficas nas produções textuais. Portanto, assim como todo processo de construção do saber apresenta avanços paulatinos e graduais, do mesmo modo acontece com os discentes das séries deste estudo, isto é, quanto maior for o progresso de escolaridade/idade, menor será a presença do fenômeno da monotongação, principalmente, por começar a distinguir oralidade e escrita.

Os resultados alcançados, nesse trabalho, podem corroborar para outros estudos sobre variação linguística, especificamente, os que se propuserem a trabalhar com o processo de monotongação, independentemente dos níveis que forem controlados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, M. S. S. Ditongação x Monotongação no falar de Fortaleza. **Graphos**, João Pessoa, p. 109-122, dez. 2000.
- ARAÚJO, M. F. R. de. Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [ɛy] no dialeto de Caxias (MA). **Revista Letras**, PUC-Campinas, v. 19, n. 1/2, p. 121-137, dez. 2000.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2004.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, vol. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- _____. Ditongos derivados. **DELTA**, v. 10, n. Especial, p.123-140, 1994.
- BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CABREIRA, S. H. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: PUCRS, 1996.
- CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CLARK, J; YALLOP, C; FLETCHER, J. An introduction to phonetics and phonology. 3. ed. Oxford: Blackwell Publisher, 2007. In: HAUPT, C.; SEARA, I. C. Caracterização acústica do fenômeno de monotongação dos ditongos [ai, ei, oi] no falar florianopolitano. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.15, n.1, p. 263-290, jan./jun. 2012.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 91-124.
- COSTA, C. F. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática**: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- COUTO, H. H. Ditongos crescentes e ambissilabidade em português. **Letras de Hoje** 98, p. 129-141, 1994.
- CRISTOFOLINI, C. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. **Revista da Abralín**, v.10, n.1, p. 205-229, jan./jun. 2011.
- CRYSTAL, D. **A first dictionary of linguistics and phonetics**. London: André Deutsch, 1980.
- _____. **The Cambridge Encyclopedia of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

- FONTES MARTINS, R. M. **A Atuação do Fator Indivíduo nos Fenômenos de Mudança Sonora**. 2003. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Disponível em: <www.ichs.ufop.br/semanadeletras/viii/arquivos/trab/k4.doc>. Acesso em: 06 dez. 2014.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HARTMANN, R. R. K.; STORK, F. C. **Dictionary of language and linguistics**. London: Applied Science Publishers, 1976.
- HAUPT, C. Contribuições da fonologia de uso e da teoria dos exemplares para o estudo da monotongação. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 167-189, jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/2557/2509>>. Acesso em: 06 dez. 2014.
- HORA, D. **A monotongação na produção escrita: reflexo da fala**. In: X SIMPOSIO INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN SOCIAL, 1, 2007, Santiago de Cuba. ACTAS I del X Simposio Internacional de Comunicación Social. Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, v. 1, p. 127-131, 2007. Disponível em: <<http://www.santiago.cu/hosting/linguistica/actas.php?Simposios=X&Actas=1>>. Acesso em: 12 jun. 2014.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, Raquel. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado). Belém: Universidade Federal do Pará, 2002.
- MENECHINI, F. M. **O fenômeno da Monotongação em Ibiacá**. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: PUCRS, 1983.
- MOLLICA, Maria Cecília. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- MOTA, Jacyra. Como fala o nordestino: a variação fônica nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, São Paulo - SP. **Anais do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. São Paulo: JCN Mídia Digital Ltda., 2008. v. 1. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/pdf/slp22/03.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.
- NEVES, Maria Helena de M. **Gramática de usos do português**. Araraquara (SP): Ed. UNESP, 2000.
- PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M. & SHERRE, M. M. D. (orgs). **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 217-236.
- PEREIRA, Gersa. **Monotongação dos ditongos [aj], [ej], [ow] no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos**. Dissertação (Mestrado). Tubarão: Unisul, 2004.
- PHILLIPS, B. Lexical diffusion, lexical frequency and lexical analysis. In: BYBEE, J., HOPPER, P. (Eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: Benjamins, 2000. p. 123-136.

PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar Dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 137-157.

PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis da fala - um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SANTOS, A.M.O. As africadas baianas em Sergipe e Alagoas a partir dos dados do projeto ALiB. In: Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, 10., 2011, Vitória – ES. **Anais do I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos**. Vitória: UFES, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/conel/article/view/1973/1485>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

SILVA, F. S. O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, D. **Estudos Sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALB, 2004. p. 29-44.

SILVA, T. C. A aquisição de padrões sonoros variáveis. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 101-110, set. 2004. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13907/9221>>. Acesso em: 06 dez. 2014.

SOUZA, M. et al. O verdadeiro e o falso: um estudo acústico dos ditongos. Comunicação apresentada no GELNE, 1998. In: HAUPT, C. & SEARA, I. C. Caracterização acústica do fenômeno de monotongação dos ditongos [aj, ej, oj] no falar florianopolitano. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.15, n.1, p. 263-290, jan./jun. 2012.

SOUZA, H. D. S. C.; SERAFIM, M. S. A mediação da leitura na educação infantil: onde a leitura de mundo precede a das palavras. In: BORTONI-RICARDO, S. M. et al. (Org.) **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TRAVAGLIA, L. C. **Na trilha da gramática**: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento. São Paulo: Cortez, 2013.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]

APÊNDICES

APÊNDICE A – Página 1 da atividade como instrumento de coleta de dados

Escolaridade: _____ Idade: _____ Sexo: ☒ M ☐ F Zona: Urbana



B _____.



B _____.



C _____ de m _____.



E _____.



O p _____ constrói casas.




A mãe está b _____ o filho.

A mãe b _____ o filho.


APÊNDICE B – Página 2 da atividade como instrumento de coleta de dados

Escola: _____ Idade: _____ Sexo: _____

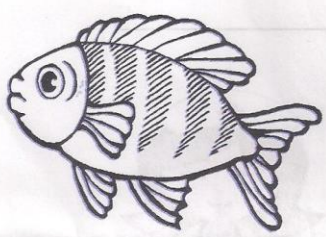
Nome: _____




O rato roeu o q _____.



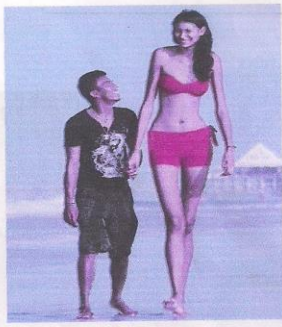
F _____ cozido.



Pescaram o _____.



A princesa se a _____ pelo príncipe.
O príncipe está a _____ pela princesa.



Homem b _____ e mulher alta.



C _____ de papelão.

APÊNDICE C – Página 3 da atividade como instrumento de coleta de dados



Anel de o _____.



O aluno c _____ o papel com a
t _____.



O pirata r _____ o t _____.

As joias foram r _____ pelo pirata.



O rapaz está usando t _____.



A mãe l _____ as r _____
dos filhos.



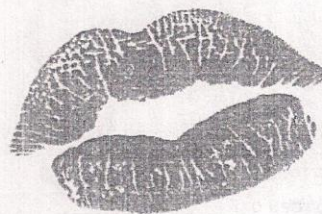
O t _____ venceu o t _____,
na t _____.

APÊNDICE D – Atividade realizada no 3º ano do Ensino Fundamental

Escolaridade: 3º ano Idade: 8 Sexo: ☒ M ☐ F Zona: Urbana



Bego padre



Bego



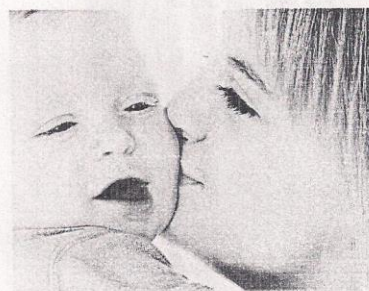
Cadela de madera



Efmera



O pedero constrói casas.

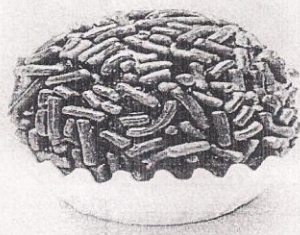


A mãe está beno o filho.

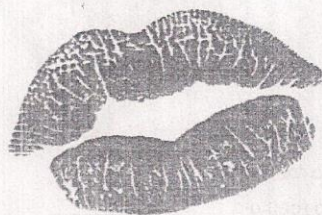
A mãe bego o filho.

APÊNDICE E – Atividade realizada no 4º ano do Ensino Fundamental

Escolaridade: 408 Idade: 30 Sexo: ☒ M ☐ F Zona: Rurbana



B arroz



B vão



C cadeira de m adeira



E enfermeira



O p aleiro constrói casas.



A mãe está b ijlo o filho.

A mãe b ijlo o filho.

APÊNDICE F – Atividade realizada no 5º ano do Ensino Fundamental

Escolaridade: 5º Ano Idade: 11 Sexo: ☒ M ☐ F Zona: Urbana



B rigadeiro.



B eijo.



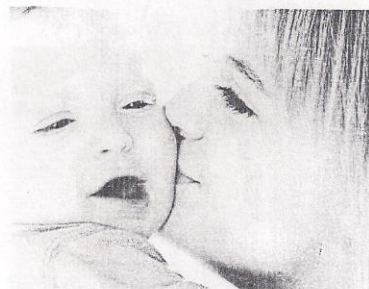
C adeira de m adeira.



E mfermeira.



O p reideiro constrói casas.



A mãe está b eijando o filho.

A mãe b eija o filho.